



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**GLEYSSON DE ARAÚJO SOARES**

**O USO DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NACIONAIS PARA O ENSINO**  
**DOS CONCEITOS GEOGRÁFICOS**

Campina Grande - PB

Fevereiro de 2023

GLEYSSON DE ARAÚJO SOARES

**O USO DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NACIONAIS PARA O ENSINO  
DOS CONCEITOS GEOGRÁFICOS**

Monografia apresentada à banca examinadora na Unidade Acadêmica de Geografia da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, para obtenção do título de Licenciado em Geografia, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sonia Maria de Lira

Campina Grande - PB

Fevereiro de 2023

**GLEYSSON DE ARAÚJO SOARES**  
**O USO DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NACIONAIS PARA O ENSINO**  
**DOS CONCEITOS GEOGRÁFICOS**

Monografia apresentada e aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/ 2023 como requisito para a  
obtenção do título de Licenciado em Geografia, Unidade Acadêmica de Geografia –  
UAG, Curso de Geografia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, pela  
seguinte banca examinadora:

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dra. Sonia Maria de Lira (Orientadora)  
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

---

Prof. Me. Crisólogo Vieira de Souza  
Examinador Externo

---

Prof. Dra. Elania Daniele Silva Araujo  
Examinador Externo

*Dedico este trabalho para minha família e amigos, aos que ainda estão aqui e quem já partiu. Assim como a todos os profissionais da educação que apesar das adversidades do cotidiano prestam o serviço mais valioso de todos.*

## AGRADECIMENTOS

É difícil descrever o quanto é recompensador ter chegado até aqui, e para alcançar esse momento contei com a ajuda de diversas pessoas e a elas tenho o meu eterno carinho e gratidão. Primeiramente, agradeço a Deus por ter me dado saúde e força para alcançar esse objetivo, o primeiro da minha família a concluir o Ensino Superior. Espero que mais pessoas compartilhem desse sentimento.

Gostaria de agradecer aos meus pais por sempre acreditar em mim e fazer o impossível para que eu chegasse até aqui, sobretudo minha mãe que acompanhou o meu cotidiano, deu todo o suporte com amor e carinho possível. Ver seu sorriso a cada nova conquista acadêmica é o que sempre me deu forças para continuar. Ao meu pai que mesmo à distância ficava feliz a cada nova conquista. Sem esquecer do meu irmão e sua família que tanto deram apoio de diversas maneiras para chegar até aqui.

Gostaria de agradecer a minha Noiva que conheci também na Unidade Acadêmica de Geografia, pois esteve comigo em todos os momentos ao longo da minha jornada acadêmica e agora é a minha companheira para vida. Rimos e choramos juntos ao longo da graduação e seguiremos assim enquanto Deus nos permitir. O maior presente que a UFCG me trouxe!

À família da minha noiva, que me acolheu de braços abertos, dando todo o carinho. Meus sogros, minhas cunhadas e cunhado assim como o restante dessa longa família que hoje fazem parte da minha segunda morada.

Aos meus colegas de curso, que levo como amizade verdadeira para toda vida, citando brevemente alguns, Bruno, Neudemberg, Gustavo, Fábio, Edilene, Joanna, Jeferson Pereira, Jeferson Odair, Cleandson, Paulo, e tantos outros. Os dias foram bem mais leves com vocês. Agradeço também por todo conhecimento compartilhado, são pessoas incríveis e talentosas.

Agradeço a todo o corpo docente que participou de minha formação, são excelentes profissionais, extremamente competentes. Um agradecimento especial para professora Sonia, que me orientou nesse trabalho, assim como em outras atividades importantes como o PIBID e o Residência Pedagógica, ao lado do professor Sérgio Malta. Também aos professores convidados para minha banca, Crisólogo e Elania que compartilharam um pouco do seu tempo para avaliar o meu trabalho.

Aos meus compadres Aparecida e Gustavo, que são amigos de longa data e estiveram comigo ao longo de todo esse caminho e me ajudaram muito com o Abstract do trabalho.

A felicidade é indescritível, vir de origem humilde, nordestino, filho de uma agricultora e um carpinteiro que não tiveram essa oportunidade enquanto jovens, mas deram o melhor futuro possível aos seus filhos. O sentimento é de dever cumprido, do fundo do meu coração todo meu amor e gratidão a vocês.

*O nordestino é, antes de tudo, um forte.*

*(Euclides da Cunha)*

## RESUMO

O ensino vem sofrendo várias transformações nos últimos anos, sobretudo devido às exigências do mercado e à luta dos profissionais em educação que buscam se mobilizar por uma educação pública de qualidade, utilizando diversas práticas para este fim. O trabalho aqui apresentado tem o objetivo de verificar se o uso de histórias em quadrinhos (HQs), da literatura brasileira, pode favorecer à construção conceitual geográfica, a partir de práticas pedagógicas que valorizem o estudante como sujeito ativo da aprendizagem, tendo como base pensadores como Lev Vygotsky e Lana de Souza Cavalcanti. Enquanto procedimento metodológico utilizamos análise de conteúdo, onde fizemos uma seleção prévia das obras, “O Cortiço”, “Os Sertões”, “O Guarani” e “Vidas Secas”. A leitura e o reconhecimento dos principais conceitos da Geografia presentes nos quadrinhos, fazendo as referidas inferências e interpretações dos dados coletados. Em resultado, o uso das HQs pode contribuir como instrumento facilitador da construção do conhecimento. Contudo, o uso por si só desse tipo de material não garante o processo de aprendizagem do estudante. As HQs são um formato literário mais atrativo pela linguagem simplificada e atrativa, cabendo ao professor utilizar-se desse recurso usando obras que aproximem o aluno do debate da Geografia e de temas próximos ao seu cotidiano.

**Palavras-chave:** HQs; Ensino; Geografia; Aprendizagem.



## ABSTRACT

Teaching has been undergoing several transformations in recent years, mainly due to market demands and the struggle of education professionals to build a quality public education, using several practices for this purpose. The goal of the work presented in here is to verify if the use of comics from Brazilian literature can favor the conceptual construction of geography, based on pedagogical practices that value the student as an active subject of learning, based on thinkers such as Lev Vygotsky and Lana de Souza Cavalcanti. As a methodological procedure we used content analysis, where we made a previous selection of the literary works "O Cortiço", "Os Sertões", "O Guarani" and "Vidas Secas". The reading and recognition of the main concepts of Geography present in the comics, making the referred inferences and interpretation of the collected data. As a result, the use of comics can contribute as a facilitating tool in the construction of knowledge. However, the use of this type of material alone does not guarantee the student's learning process. Comics are a literary format that is more attractive due to its simplified and appealing language, and it is up to the teacher to make use of this resource by using literary works that bring the student closer to the Geography debate and to issues that are close to their daily lives.

**Key words:** Comics; Teaching; Geography; Learning.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Ilustrando a constelação de conceitos de Haesbaert .....	19
Figura 02: Os objetos e as ações no Cortiço.....	26
Figura 03: A pedreira.....	27
Figura 04: Miranda e o cortiço .....	28
Figura 05: O poder do despejo .....	29
Figura 06: A posse do terreno.....	29
Figura 07: O Território de Canudos .....	31
Figura 08: A paisagem da caatinga.....	32
Figura 09: A Região em Canudos.....	33
Figura 10: O Lugar dos Conselheiristas .....	34
Figura 11: Um pouco da paisagem de O Guarani .....	36
Figura 12: O domínio Português .....	36
Figura 13: Embates territoriais em “O Guarani” .....	37
Figura 14: A paisagem de Vidas Secas na HQ.....	39
Figura 15: A chuva apresentada em Vidas Secas .....	40
Figura 16: O lugar de Fabiano .....	41
Figura 17: O ciclo da migração .....	42

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ZDP: Zona de Desenvolvimento Proximal

HQs: Histórias em Quadrinhos

PCN: Parâmetros Curriculares Nacionais

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>1 O ENSINO TRADICIONAL NA CONTRAMÃO DA CONSTRUÇÃO CONCEITUAL: PROPOSTAS ALTERNATIVAS VYGOTSKIANAS PARA O ENSINO</b> .....	15
1.1 O USO DA LITERATURA PARA A CONSTRUÇÃO CONCEITUAL GEOGRÁFICA: UM OLHAR PARA AS HQS.....	17
<b>2 REFLETINDO SOBRE CONCEITOS GEOGRÁFICOS E SEU USO PEDAGÓGICO NA APROPRIAÇÃO DOS SABERES ESPACIAIS</b> .....	19
2.1 OUTROS CONCEITOS DA GEOGRAFIA .....	22
<b>3 A LITERATURA BRASILEIRA COMO FONTE PARA APROPRIAÇÃO DOS CONCEITOS GEOGRÁFICOS</b> .....	24
3.1 O CORTIÇO .....	24
3.2 OS SERTÕES .....	30
3.3 O GUARANI.....	35
3.4 VIDAS SECAS.....	38
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	43
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	44
<b>ANEXOS</b> .....	46

## INTRODUÇÃO

O ensino vem sofrendo várias transformações nos últimos anos, sobretudo devido as exigências do mercado e a luta dos profissionais em educação que buscam se mobilizar por uma educação pública de qualidade.

Contudo, devido as condições precarizadas de trabalho impostas a esses profissionais, que acarretam desvalorização financeira, situações estruturais inadequadas das escolas, formações iniciais e continuadas que não garantem aprimoramento necessário, entre outras causas, tais profissionais terminam, muitas vezes, pondo em prática métodos tradicionais de ensino. Isso, porque muitas escolas ainda se pautam em formas de ensinar totalmente mnemônicas que prejudicam a aprendizagem de grande parte dos estudantes, por vezes despertando certo desinteresse. Dessa forma, desmotivando-os de aprender e assim descumprindo o papel social tão importante da escola - a construção do conhecimento.

Por isso, o trabalho aqui apresentado tem o objetivo de verificar se o uso de histórias em quadrinhos (HQs), da literatura brasileira, pode favorecer à construção conceitual geográfica, a partir de práticas pedagógicas que valorizem o estudante como sujeito ativo da aprendizagem.

Isto, porque as HQs podem contribuir para que a aprendizagem do aluno seja mais prazerosa, já que traz enredos envolvendo o cotidiano dos estudantes. Ademais, a literatura brasileira foca em temas da nossa realidade os quais retratam aspectos espaciais que podem ser utilizados para a apropriação dos conhecimentos geográficos. Neste contexto, o uso dos recursos lúdicos como as HQs pode contribuir para ultrapassarmos a “bolha” do ensino tradicional, sendo necessárias práticas educativas que auxiliem no cotidiano dos professores, em sala de aula, apesar de suas adversidades.

Dessa forma, utilizaremos como procedimento metodológico a análise de conteúdo, que “desenvolve-se em três fases: (a) pré-análise; (b) exploração do material; e (c) tratamento dos dados, inferência e interpretação” (BARDIN, 1977 apud GIL, 2008, p. 152.), no qual fizemos uma seleção prévia das obras em potencial, a leitura e o reconhecimento dos principais conceitos da Geografia presentes nos quadrinhos, fazendo as referidas inferências e interpretação dos dados coletados.

Sendo assim, o trabalho está dividido em quatro partes: em um primeiro momento refletimos brevemente sobre como o ensino tradicional vai na contramão da construção

conceitual e como Vygotsky coloca propostas alternativas para o ensino tradicional. Em seguida tratamos sobre o uso da literatura em HQs para a construção conceitual geográfica. Na continuidade destacamos sobre os conceitos geográficos e seu uso pedagógico. Por fim, analisamos a respeito da literatura brasileira como fonte para apropriação dos conceitos geográficos.

## **1 O ENSINO TRADICIONAL NA CONTRAMÃO DA CONSTRUÇÃO CONCEITUAL: PROPOSTAS ALTERNATIVAS VYGOTSKIANAS PARA O ENSINO.**

Nos métodos de ensino tradicionais o aluno é indivíduo que possui pouco conhecimento e que o professor é o detentor desse e o deve transferir de maneira direta para o estudante, como um receptáculo. Assim sendo, a criança teria o dever de absorver o que é repassado pelo docente, tornando-se assim um sujeito passivo no processo de aprendizagem.

Contudo, como aponta Siqueira (2017, p.13) o estudante deve ser estimulado a pensar, questionar e ser formador de seu próprio conhecimento. Seguindo assim o caminho inverso dos métodos de ensino tradicionais. Há a necessidade de construir práticas pedagógicas que contribuam para o pensamento crítico e para as apropriações conceituais de cada área do conhecimento, inclusive da Geografia.

Nesse sentido, Vygotsky (1991, p.86) em sua discussão a respeito da construção de conceitos aponta que todos somos detentores de conhecimentos espontâneos, estes são formados durante a nossa vivência. Por exemplo, em determinada idade já realizamos operações matemáticas básicas como adição e subtração, sem sequer ter ido a uma escola e conhecer os conceitos científicos por trás dessas operações. Ademais, muitos estudantes em suas vivências nos lugares trazem uma carga de conhecimento espacial para sala de aula, que pode e deve ser compartilhada com os colegas e canalizada pelo professor para construção de conceitos científicos da própria Geografia.

Conforme Cavalcanti (2005, p.194) as análises vygotskianas entendem o aluno interagindo com o conhecimento através de outros indivíduos, sejam eles colegas ou professores. A experiência de aprendizagem com intervenção ativa de outras pessoas contribui significativamente para internalização dos saberes.

No que difere de outros estudiosos da psicologia da aprendizagem, como Jean Piaget que em linhas gerais propunha que o desenvolvimento acontecesse a partir de processos internos que posteriormente são exteriorizados. Vygotsky (1991) reiterava que o processo de aprendizagem é condicionado a partir de processos externos que são internalizados e contribuem para o desenvolvimento. Nesse sentido, é imprescindível a socialização no ambiente escolar.

A troca de experiências entre estudantes e com o professor permite aos alunos compreender o mundo através de outras vivências e realidades, internalizando processos

e formulando conceitos. O papel do “outro” para Vygotsky (1991) é primordial para a promoção do desenvolvimento. A intervenção, sobretudo do professor, media os rumos da aprendizagem auxiliando na construção de conceitos.

A formação dos conceitos como apontado por Cavalcanti (2005, p.197), ocorre de duas maneiras distintas: envolvendo os conceitos espontâneos e os conceitos científicos.

[...] o processo de formação de conceitos cotidianos é “ascendente”, surgindo impregnado de experiência, mas de uma forma ainda não-consciente [...] os conceitos científicos surgem de modo contrário, seu movimento é “descendente”, começando com uma definição verbal com aplicações não espontâneas [...]

Como apontado anteriormente, os conceitos espontâneos referem-se aqueles construídos através da nossa vivência, que não necessariamente necessitam de processos específicos para sua formação. O que difere dos conceitos científicos, em que normalmente tomamos o primeiro contato com uma definição verbal e não sabemos ao certo como aquilo pode ser utilizado no nosso cotidiano. Somente após a internalização daquele conceito é que conseguimos um certo nível de concretude e assim aplicamos em situações corriqueiras como o uso de mapas, por exemplo, pois tal instrumento possui uma série de abstrações que o compõe e são de extrema importância para diversas atividades das mais variadas culturas ao longo da história.

Destarte, encontra-se o desafio do professor, seguir o fluxo deste movimento descendente para formação dos conceitos científicos. Nesse sentido, tendo o papel de mediador, realizando uma “ponte” entre o estudante e o conteúdo escolar, pode contribuir com um ambiente propício para que o aluno seja agente ativo na construção do seu conhecimento e consiga utilizar tais conceitos no seu cotidiano.

Além disso, Vygotsky (1991, p.58) ressalta que o uso de brinquedos ou jogos podem auxiliar para que o aluno atinja a zona de desenvolvimento proximal (ZDP). Isto, porque:

A zona de desenvolvimento proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão presentes em estado embrionário. Essas funções poderiam ser chamadas de “brotos” ou “flores” do desenvolvimento, ao invés de “frutos” do desenvolvimento.

Ou seja, esse processo de desenvolvimento que está amadurecendo pode utilizar-se de recursos lúdicos na aprendizagem escolar, como as HQs, para contribuir nos



avanços dos processos intrapsíquicos do estudante. Nesse contexto, os avanços cognitivos dos aprendizes ocorrem também através do trabalho pedagógico coletivo que ocorre na escola.

Nesse sentido, a utilização das HQs pode contribuir como instrumento facilitador, para que a construção do conhecimento. Conforme aponta Lira (2014, p.303):

Os esquemas operatórios passariam a funcionar dedutivamente somente após uma ação exercida sobre o concreto para, então, haver a abstração. Nesse caso, verifica-se que a educação espacial tem ocorrido desconectada da evolução dos estudantes que, na maioria dos casos, ficam apenas em estudos abstratos e distantes de suas realidades no trabalho com a Geografia Escolar.

Neste contexto, as HQs tratam de obras clássicas ou de momentos históricos do Brasil que muito falam sobre aspectos espaciais presentes e passados. Além disso, a sutileza nos detalhes e o potencial crítico da abordagem permitem uma gama de possibilidades para o trabalho geográfico escolar.

## 1.1 O USO DA LITERATURA PARA A CONSTRUÇÃO CONCEITUAL GEOGRÁFICA: UM OLHAR PARA AS HQS

Tendo em vista que neste trabalho também retrataremos adaptações de grandes obras literárias em HQs, é importante destacar a importância do uso da Literatura para o ensino de maneira geral, assim como para a Geografia Escolar.

Conforme aponta Freitas e Araújo (2020, p.253) a literatura é pouco e mal utilizada no campo geográfico, embora os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) vissem o seu uso como uma nova possibilidade para o ensino, podendo ser encarado pelo professor como uma oportunidade para novas práticas educativas.

Através de obras clássicas da literatura é possível visitar o passado histórico-geográfico e utilizar elementos presentes naquele contexto para a compreensão do presente. Freitas e Araújo (2020, p.254) reiteram que o espaço e o tempo a partir da perspectiva da realidade do aluno possibilitam conhecimentos novos até então desconhecidos por ele.

Mais recentemente vários textos literários foram adaptados em formato de quadrinhos, tornando este gênero literário mais atrativo. Nesta perspectiva, Alencar e Silva (2018, p.9) apontam que “[...] histórias em quadrinhos, [possuem] produção de enredos sobre problemas relacionados ao cotidiano de vivência do aluno [e] auxilia no

posicionamento crítico, bem como, no desenvolvimento de atitudes de responsabilidade, ética e solidariedade”.

As HQs em conjunto com os textos literários podem contribuir para que os alunos avancem de seus conhecimentos espontâneos para o conhecimento científico, tendo em vista os contrastes encontrados entre a ficção da obra literária e o seu lugar no mundo, destacados através de exposições espaciais de diversas localidades.

Sendo assim, acreditamos ser possível trabalhar os conceitos chave da Geografia, entre eles: espaço, lugar, território, paisagem, região, entre outros, a partir das HQs. Contudo, este instrumento didático seria utilizado apenas como um meio para a apropriação do conhecimento geográfico e não como um fim.

## 2 REFLETINDO SOBRE CONCEITOS GEOGRÁFICOS E SEU USO PEDAGÓGICO NA APROPRIAÇÃO DOS SABERES ESPACIAIS

A Geografia é uma ciência fundamental para formação de cidadãos críticos como apontado anteriormente. No cerne do conhecimento geográfico há uma “constelação de conceitos”, que de maneira geral, regem as discussões e apontamentos os quais podem ser realizados por esta ciência no espaço escolar. Entre tais conceitos destacamos: espaço, território, paisagem, lugar, região, campo, cidade, sociedade, natureza ou dinâmicas demográficas, entre outros, os quais favorecem a construção do conhecimento geográfico.

Destarte, o conceito chave principal da Geografia é o de espaço. Conforme aponta Haesbaert (2014, p.22).

[..] podemos propor “espaço” como categoria, nosso conceito mais geral, e que se impõe frente aos demais conceitos — região, território, lugar, paisagem... Esses comporiam assim a “constelação” ou “família” (como preferia Milton Santos) geográfica de conceitos.

A constelação apontada por Haesbaert (2014) retrata um conjunto de planetas que orbitam em torno de uma estrela que seria o Espaço, o qual ilumina seus demais “satélites”, entre eles: Lugar, Paisagem, Região e Território, através do movimento de translação, como representado na Figura 01, abaixo:

Figura 01: A constelação de conceitos de Haesbaert



Fonte: SOARES, 2023.

Em sua metáfora o autor, citado anteriormente, propõe que o conceito de espaço possui suas derivações conceituais com determinada função de análise do objeto espacial. Santos (1998, p.25) também afirma que:

O espaço seria um conjunto de objetos e de relações que se realizam sobre estes objetos; não entre estes especificamente, mas para as quais eles servem de intermediários. Os objetos ajudam a concretizar uma série de relações. O espaço é resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, inter mediados pelos objetos, naturais e artificiais.

A relação entre o sistema de objetos e de ações coloca como estes objetos estão dispostos e como interagimos com eles. Explanar oralmente tal definição ao longo da prática pedagógica não seria suficiente para a construção conceitual, por isso a utilização de outros instrumentos didáticos é necessário para tal apropriação conceitual.

Nessa perspectiva, Cavalcanti (1998) aponta inicialmente para o conceito de lugar. A referida autora ressalta que “Na Geografia Humanística, lugar é o espaço que se torna familiar ao indivíduo, é o espaço vivido, da experiência.” (CAVALCANTI, 1998, p.89), reforçando a necessidade de se partir dos conceitos cotidianos.

Ainda de acordo com Cavalcanti (1998), é preciso trabalhar o lugar em que o aluno vive, onde ele tem experiências cotidianas com problemas da sua comunidade e também com as qualidades da mesma lhe permitem ter afeto ou aversão por aquele espaço. Dessa forma, podemos nos utilizar da ficção, questionando aos alunos quais são os contrastes identificados nesses lugares, para avançarmos da subjetividade para uma análise mais crítica da realidade. Para isso, podemos fazer uso de elementos concretos partindo de outro conceito da Geografia, a Paisagem.

O conceito de Paisagem, conforme aponta Santos (1988, p.21) é: “Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc;

Nesse sentido, esse conceito está intimamente ligado à nossa percepção do espaço material, tendo como base a experiência sensorial com o mesmo. Sendo assim um, conceito mais palpável/concreto que pode favorecer a continuidade da análise espacial, ampliando para outros conceitos.

Cavalcanti (1998, p. 100) ressalta que algumas professoras entrevistadas em sua pesquisa abordavam o conceito de Paisagem como um lugar bonito ou uma vista bonita,

em detrimento da análise de paisagens “reais”, do meio urbano ou meio rural, que pode ser explorado. Também verificou esta análise nas falas de estudantes.

Poderíamos, nesse sentido, avançar com os conceitos de Lugar e Paisagem, utilizando fotos ou levando o aluno a geografar no entorno da escola, abordando de forma crítica tais paisagens e lugares. E não apresentar apenas o belo, mas também o real, discutindo através da realidade empírica sobre as contradições espaciais existentes. Tais contradições podem ser apresentadas através de todos os conceitos, como é o caso também do de região.

O conceito de região poderia ser considerado por nós como o mais complexo para ser tratado, por ser um conceito bastante amplo que nos permite várias discussões, já que o entendimento da regionalização pode ser resgatado a partir de atividades administrativas ou como políticas públicas, etc. Segundo Cavalcanti (1998, p.103):

[...]a região é um instrumento de divisão do espaço segundo determinados critérios definidos *a priori*; a cada critério ou conjunto de critérios corresponderia uma regionalização ou divisão do espaço. Não se postula, assim, a existência concreta e objetiva de regiões na superfície terrestre.

A região não existe de maneira concreta, é construção abstrata para determinado fim, seguindo uma série de critérios também abstratos. Contudo, o ato de regionalizar pode levar a compreensão dos estudantes por meio da prática. Podemos realizar um exercício ao tentar compreender quais critérios abstratos levaram a “criação” da Região Nordeste, através dos aspectos culturais como: culinária, costumes, danças, músicas etc. Da mesma forma, foram usados outros critérios para separar as outras regiões brasileiras.

Por fim, podemos destacar dentre os conceitos chave da Geografia, o território. Segundo Cavalcanti (1998, p.110) é “como um campo de forças operando sobre um substrato material referencial (seja esse substrato o quarto de uma casa ou país)”.

O conceito em questão abre uma série de discussões nos vários aspectos territoriais, podendo por exemplo discutir desde a atual guerra da Rússia e Ucrânia<sup>1</sup>, que trata de um interesse territorial com fins de poder e a partir disso refletir quais implicações isso pode trazer para o nosso cotidiano. Análogo a isso temos impactos agropecuários, uma vez que a Rússia é um dos principais fornecedores de fertilizantes, porém, vem

---

<sup>1</sup> Confronto armado entre Rússia e Ucrânia em disputa pelo território da península da Crimeia. As tensões aumentaram entre 2021 e 2022 quando a Rússia invadiu o território ucraniano.

sofrendo sanções devido a infeliz ação bélica. O que faz a comida chegar muito mais cara à mesa dos brasileiros.

Ou até mesmo dinâmicas territoriais mais locais. A exemplo disso, a rivalidade entre torcidas de futebol e sua relação com o poder exercido fora de campo pelos torcedores destaca tais relações de poder. Trazendo para próximo da realidade dos estudantes de Campina Grande os clubes de futebol Treze e Campinense serviriam como exemplo.

## 2.1 OUTROS CONCEITOS DA GEOGRAFIA

Podemos abordar também outros conceitos específicos da Geografia como a relação entre sociedade e natureza. Ambos conceitos permeiam as discussões espaciais, tratando-se de como o homem interage com o meio em que está inserido. Cavalcanti (1998, p.116) observa que:

Na percepção que os alunos têm da relação da sociedade com a natureza [...] pode-se detectar um tom maniqueísta [...] Em suas falas [observa-se que] [...] vão aparecendo extratos de um discurso que parece ter sido assimilado mecanicamente: “os homens destroem” [...] “o Ibama cuida” [...] “quem não cuida são os madeireiros”.

Nesse discurso, há de se destacar que ao mesmo tempo que existe a busca pela harmonia com a natureza, existe também o desejo ou a nostalgia de ter a natureza intocada, o que em grande parte do mundo trata-se de uma utopia, através dos interesses capitalistas predominantes.

Ao longo da história “por intermédio do trabalho [a sociedade], transforma a natureza, em função das suas necessidades de sobrevivência” (CAVALCANTI, 1998, p.118). A autora ainda aborda que as relações dos homens entre si até então moldaram também a sua relação com a natureza, cabendo então à Geografia compreender sobre a sociedade que o produziu.

Podemos a partir disso buscar despertar a reflexão nos estudantes acerca da relação que o ser humano tem com a natureza. Desconstruindo o tom maniqueísta explanado anteriormente. A exploração da natureza é necessária para nossa sobrevivência, contudo, o uso consciente do meio se faz necessário, novas formas de se relacionar com a natureza sendo discutidas no campo agrário através da agroecologia, por

exemplo. Quais outras práticas podem contribuir para essa exploração consciente? Eis um ponto a se considerar no saber espacial.

Por fim, podemos adotar a cidade como outro conceito riquíssimo no que se refere ao ensino de Geografia, sendo ambiente complexo repleto de informações e acontecimentos que fomentam os mais variados debates em diversos segmentos da ciência em geral.

Cavalcanti afirma que a “[...]cidade é a forma, é a materialização de determinadas relações sociais, enquanto espaço urbano é o conteúdo, são as próprias relações sociais que se materializam no espaço [...]” (2008, p.66).

A produção do espaço urbano é fruto das relações entre os objetos e as ações em seu meio nos mais variados níveis de complexidade que fomentam várias possibilidades para o ensino de Geografia.

Existem três dimensões no que se refere ao ensino da cidade: a primeira refere-se a “aprender na cidade”, utilizando-a como conteúdo, a partir das suas relações, experiências etc. A segunda “aprender da cidade” considerando o meio urbano como agente educador o qual há a emissão de informação e cultura. A terceira refere-se a “aprender a cidade” que a considera como conteúdo educativo, tendo a escola papel primordial para auxiliar estudantes a realizar a leitura da sua e de outras cidades (BERNET, 1997 apud CAVALCANTI, 2008, p.73).

As transformações vividas em sociedade através das problemáticas socioespaciais podem servir para contextualizar a vida cotidiana dos estudantes, conforme Lira (2014, p.306) argumenta:

Pensar em uma prática de ensino voltada para a construção do conhecimento é pensar que os alunos vão conceber o espaço através de suas representações, interpretações, significações acerca da vida em sociedade. Dessa maneira, o aluno perceberá a influência dos aspectos políticos, culturais e econômicos, os quais podem interferir em constantes mudanças no espaço como um todo.

Nesse sentido, é visto que tais conceitos são primordiais para apropriação dos saberes geográficos e a compreensão do espaço, podendo ser utilizado pelos estudantes nas mais diversas atividades do seu cotidiano e em análises espaciais mais amplas com escalas diferenciadas.

Devemos, portanto, reforçar através da prática docente o uso de instrumentos que contribuam na internalização dos conceitos. Nesse propósito o uso de linguagens pode potencializar e tornar a aprendizagem do aluno mais significativa. Por isso, propomos o

uso de HQs como ferramenta para mediação do ensino de Geografia e a construção de seus conceitos.

### **3 A LITERATURA BRASILEIRA COMO FONTE PARA APROPRIAÇÃO DOS CONCEITOS GEOGRÁFICOS**

As análises espaciais também podem ocorrer através dos estudos literários. Poderíamos citar, por exemplo, o livro “O Cortiço”, de Aluísio de Azevedo<sup>2</sup>, que retrata questões urbanas do Rio de Janeiro, no século XIX. Como também, “O Quinze” de Rachel de Queiroz<sup>3</sup>, enfatizando aspectos do Nordeste brasileiro.

Obras clássicas como as citadas anteriormente, retratam um período histórico que não foi vivido por nós, porém muito nos contam sobre os costumes e espacialidade da época. Compreender o passado, nossa história, sobretudo, através de textos nacionais permite que façamos uma visita ao território brasileiro daquele tempo e traçarmos um caminho para que possamos compreender quais os fenômenos espaciais que se modificaram.

Esses e outros textos podem contribuir para os estudos geográficos, sendo este o nosso objeto de estudo, as HQs. Como é apontado por Siqueira (2017, p.19):

As imagens, gravuras ou ilustrações são recursos didáticos que estimulam a curiosidade do aluno, pois antes de procurar descobrir o que está escrito no conteúdo presente no texto, ele vai focalizar primeiro a imagem, principalmente se ela for constituída de elementos atrativos como cores e formas, tão presentes nos mapas, nas fotografias, histórias em quadrinhos etc.

Devido as sus características alguns textos literários citados anteriormente, possibilitam sua utilização pedagógica como recurso lúdico para o ensino e aprendizagem dos conteúdos geográficos.

---

<sup>2</sup> Aluísio Azevedo, caricaturista, jornalista, romancista e diplomata, nasceu em São Luís, MA, em 14 de abril de 1857, e faleceu em Buenos Aires, Argentina, em 21 de janeiro de 1913 (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 2023).

<sup>3</sup> Raquel de Queiroz nasceu em Fortaleza (CE), em 17 de novembro de 1910, e faleceu no Rio de Janeiro (RJ) em 4 de novembro de 2003, ocupante da Cadeira 5 da academia brasileira de letras, eleita em 4 de agosto de 1977 (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 2023).



### 3.1 O CORTIÇO

O Cortiço foi escrito por Aluísio de Azevedo, em 1890, e adaptado para quadrinhos em 2019 por Franco de Rosa e Marcus Rosado. A obra original é um marco para a literatura brasileira e para o movimento naturalista e, sem dúvida, Rosa e Rosado conseguiram adaptar a obra para quadrinhos de maneira muito competente, conseguindo ressaltar as características inerentes a essa obra.

O Cortiço permite vermos um retrato similar a cidade do Rio de Janeiro em meados do século XIX, mais especificamente em Botafogo, local onde se passa a história. A obra apresenta a vida dos moradores em habitações coletivas populares e suas particularidades. O texto gira em torno do ganancioso João Romão, português dono de um terreno que constrói moradias de baixo custo, afim de obter algum retorno financeiro, através de seus interesses capitalistas.

O cenário instaurado na obra permite realizar diversas análises do espaço urbano do Rio de Janeiro na época. Historicamente, percebe-se que esse espaço vinha sofrendo diversas mudanças como: a implantação do transporte coletivo, abastecimento de água, telefonia, energia elétrica, além da substituição do trabalho escravo pelo assalariado e em decorrência disso movimentos de migração (VAZ, 1994 apud FREITAS e ARAÚJO, 2020, p.257).

O crescimento demográfico que ocorria na cidade mostrava a necessidade de novas habitações, contudo, a partir de um movimento de segregação espacial do proletariado, os quais eram direcionados para regiões periféricas em condições insalubres. Lamentavelmente tal cenário se repete até a atualidade.

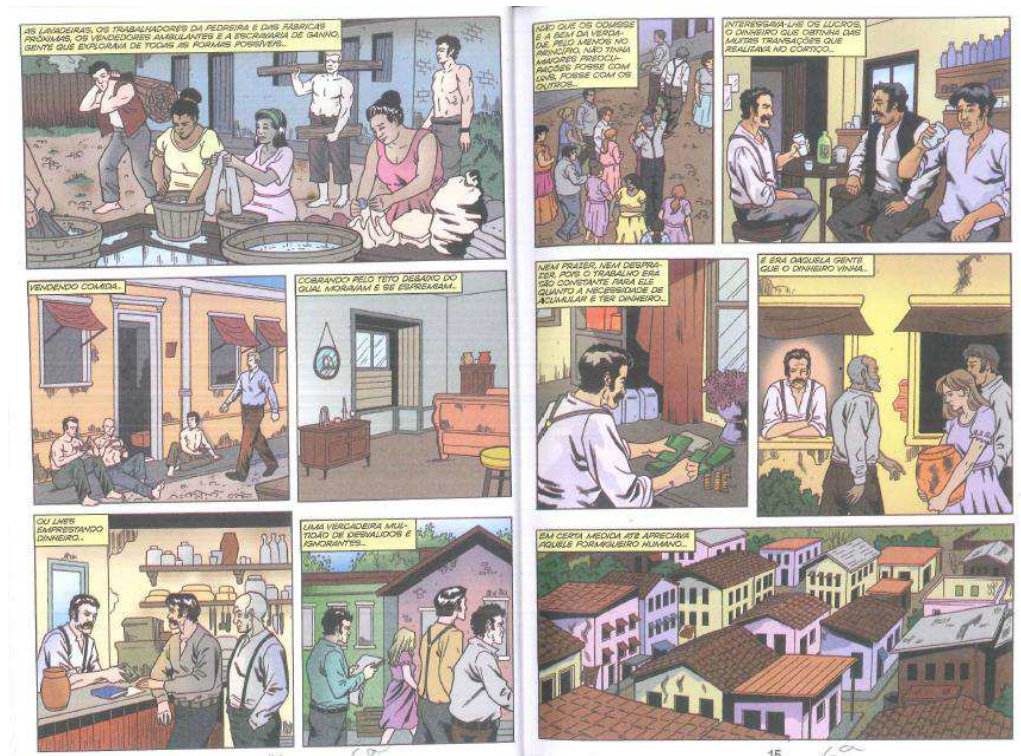
Devido as políticas públicas inadequadas da época, as condições habitacionais para essa população eram precárias, ocasionando o surgimento de doenças dentre outras questões que causaram a marginalização dos moradores, trazendo implicações nas mais diversas escalas sociais, como por exemplo a *revolta da vacina*<sup>4</sup>.

Nesse contexto, a história é protagonizada pelo português que também é dono do cortiço, o João Romão. No quadro abaixo (Figura 02) a HQ nos apresenta as diversas formas que esse personagem tinha de explorar os moradores do cortiço.

---

<sup>4</sup> A revolta da vacina foi um movimento popular contra a vacina antivariólica ocorrida em 1904. As camadas mais populares temiam que o composto da vacina, até então de procedência duvidosa, fosse um meio de conter o crescimento populacional, matando-os. (FIOCRUZ, 2022)

Figura 02: Os objetos e as ações no Cortiço



Fonte: ROSA e ROSADO, 2019, p.14.

A partir desse quadro temos a descrição dos objetos espaciais do cortiço, partindo da paisagem existente, mas que avança para a contextualização das motivações de João Romão através dos *recordatórios*<sup>5</sup>, pois é possível percebermos alguns objetos (Figura 02) como a lavanderia, a bodega, as casas dos moradores, as ruas do cortiço entre outros. Em meio a esses objetos, estão presentes também as ações que os moradores do cortiço exerciam e transformavam aquele espaço, a exemplo disso como podemos ver no primeiro quadro as lavadeiras, ao fundo os operários das fábricas ou pedreiros e João Romão em sua bodega em que vendia comida e emprestava dinheiro. Os personagens, a partir de suas ações naqueles objetos contribuem para formação espacial do cortiço.

Os agentes presentes: ex escravos, operários, pedreiros, lavadeiras, imigrantes, o capitalista, dão forma ao cortiço e o transformam em um cenário vivo que atua como personagem principal da obra. A interação dessas pessoas entre si, assim como suas atividades no meio, contribui para produção do espaço e para maneira que esse espaço apresenta suas contradições.

<sup>5</sup> Recordatórios são as caixas de textos que acompanham os quadinhos. São também chamados apenas de texto, caixa de texto ou, ainda, legenda. Nos primórdios, ele servia para descrever ou explicar exatamente o que o leitor já estava vendo desenhado. (CRIANDO HQ, 2011)

Os personagens podem também ter outras perspectivas de determinados espaços, podendo nesse sentido avançar com a discussão do conceito de lugar, a exemplo dos locais escolhidos pelas crianças para brincar e da angústia de suas mães (Figura 03).

Figura 03: A pedreira



Fonte: ROSA e ROSADO, 2019, p.64.

O local em que se encontra a pedreira era, anteriormente, um ambiente natural (utilizado pelas crianças) que foi transformado à partir da ação humana, aqui com o fim de gerar riqueza para João Romão com exploração desses recursos. Nesse mesmo objeto fica evidente alguns tipos de percepção desse espaço. Para os pedreiros é um espaço onde exercem uma função afim de vender sua força de trabalho como meio de sobrevivência.

Já para o menino aquele é um lugar onde ele tem certa familiaridade, o espaço vivido como pontuado por Cavalcanti (1998) quando discute a respeito do conceito de lugar, sendo o ambiente onde ele brincava com seus colegas, levando a acreditar que nutre certo sentimento positivo. Contudo, como a mãe do menino pontua, o ambiente tornou-se perigoso, através das atividades de exploração da pedreira, causando preocupação no que se refere ao bem estar dos filhos, o que nos mostra certo sentimento de aversão por aquele espaço.

Dando continuidade, ainda discutindo o conceito de lugar, apesar das adversidades, os moradores concebiam o cortiço como ambiente de alegria, sendo possível sentir um sentimento de pertencimento daquelas pessoas. Embora João Romão e Miranda (personagem que personifica a burguesia carioca) sentissem aversão pelos moradores do cortiço e suas práticas cotidianas conforme podemos ver abaixo (Figura 04).

Figura 04: Miranda e o cortiço



Fonte: ROSA e ROSADO, 2019, p.23.

Por fim, podemos também destacar o conceito de território que também está presente na história. É evidente a influência que João Romão tem sobre o cortiço, categorizando-o como o seu território. Em sua propriedade, ele que dita as regras e pouco importa a condição dos demais moradores, sua única e exclusiva prioridade é ascender economicamente e submeter os moradores às mais diversas situações para obter retorno financeiro.

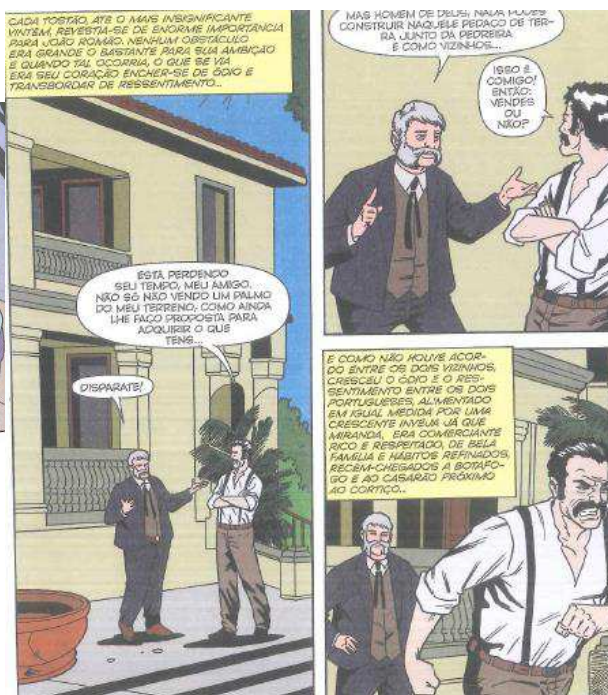
Na Figura 02 discutimos a relação dos objetos e as ações no cortiço e como esses contribuem para construção espacial. Contudo, no quadro outro aspecto pode ser ressaltado, o poder que João exerce no cortiço. Nas imagens abaixo (Figuras 05 e 06) podemos observar um pouco mais sobre isso.

Figura 05: O poder do despejo



Fonte: ROSA e ROSADO, 2019, p.42

Figura 06: A posse do terreno



Fonte: ROSA e ROSADO, 2019, p.12

No quadro à esquerda é evidente como o personagem exerce um domínio no cortiço. Podemos visualizar homens retirando os móveis de uma das inquilinas, sendo expulsa por Romão de sua casa. No quadro à direita (Figura 06) podemos ver outro cenário, o personagem busca expandir o seu domínio, negociando com Miranda a compra de um terreno vizinho a pedreira, que também viria a ser sua, posteriormente ele consegue negociar a compra deste terreno que permite a expansão do cortiço.

João Romão é ganancioso e subjuga seus inquilinos e funcionários a partir de sua influência no território do cortiço, afim de alcançar seus objetivos para ascender na elite carioca, tornando-se um dos capitalistas mais prósperos da área, através da exploração dos mais pobres.

Tais práticas permanecem enraizadas no Brasil até hoje, os conflitos territoriais por interesses econômicos, a segregação socioespacial, a falta de saneamento básico a aversão da elite em relação a certos espaços do proletariado, sendo elementos que devem ser abordados nas aulas de Geografia, apontando relações entre a obra ficcional e a realidade do aluno, partindo do seu lugar, abordar a obra trazendo elementos do cotidiano do aluno e contextualizando cientificamente pode contribuir para formação de conceitos nessa proposta, ressaltando criticamente as contradições existentes no sistema capitalista.

### 3.2 OS SERTÕES

Dando prosseguimento, a obra abordada a seguir, trata-se de uma adaptação para HQs publicada em 2008 com roteiro e ilustrações de André Diniz e José Aguiar acerca do livro “Os Sertões” escrito pelo jornalista Euclides da Cunha <sup>6</sup>e publicado em 1902, no qual relata acontecimentos da Guerra de Canudos.

A Guerra de Canudos ocorreu entre os anos de 1896 e 1897, no arraial de Canudos no interior do estado da Bahia, envolvendo conflitos armados entre os sertanejos e o exército brasileiro. No período em questão o Brasil passava pela transição da Monarquia para República.

Antônio Conselheiro, figura central desse contexto, era um homem extremamente religioso que não aprovava a então reforma política do Brasil na época. Seus diversos seguidores eram religiosos que compartilhavam de seus ensinamentos e ideais, buscando uma terra em que pudessem viver à margem das desigualdades e injustiças do período, que de forma enfática assolava o semiárido brasileiro. Por isso, conquistaram a fazenda abandonada de Canudos onde surgiu a cidade.

A cidade de Belo Monte (nome dado por Antônio Conselheiro) tinha sua população composta principalmente por escravos alforriados, indígenas e ex criminosos. Contudo, o lugar era próspero, buscava-se conviver com a seca, havendo escolas e casas construídas para todos os moradores, tornando-se a segunda maior cidade da Bahia atrás apenas de Salvador, capital do estado. Ademais, Canudos era autossuficiente.

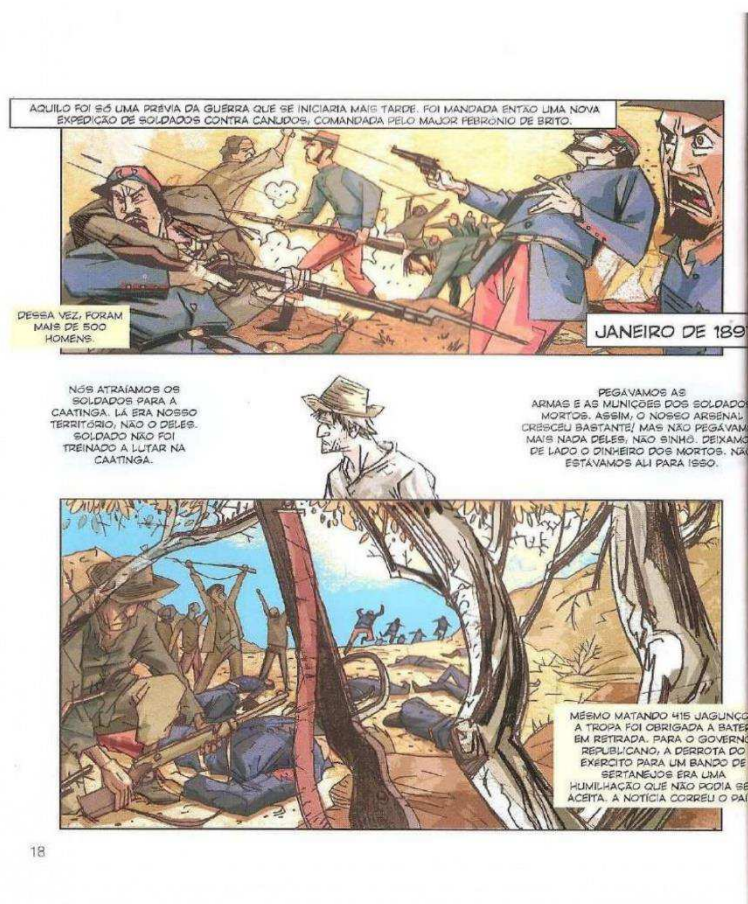
No final do ano de 1896 Antônio Conselheiro comprou uma certa quantia de madeira em uma cidade próxima chamada Juazeiro, entretanto, apesar de recebido o valor da compra os comerciantes não entregaram o material que serviria para construção de uma nova igreja.

O acontecimento provocou revolta nos moradores do arraial que ameaçaram atacar a cidade de Juazeiro para ter a mercadoria. Nesse contexto, o Governo brasileiro enviou tropas a Canudos, mas os soldados foram afugentados pelos moradores do arraial que defenderam o seu território com armas simples como: carabinas, foices e facões. O fato de conhecer muito bem seu território contribuiu para as vitórias em três, das quatro expedições militares, conforme podemos observar na Figura 07.

---

<sup>6</sup> Euclides da Cunha (Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha), engenheiro militar, jornalista, ensaísta e historiador, nasceu em Cantagalo, RJ, em 20 de janeiro de 1866, e faleceu no Rio de Janeiro em 15 de agosto de 1909 (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 2023).

Figura 07: O Território de Canudos



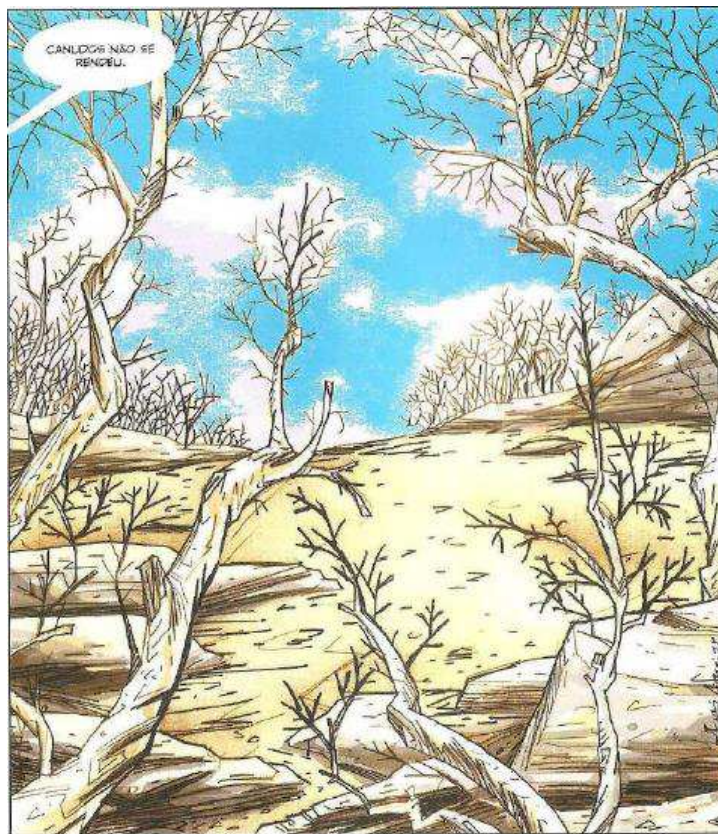
Fonte: CUNHA; DINIZ e AGUIAR, 2008, p.18.

A então república sentiu seu domínio territorial ameaçado por um grupo de pessoas que tinham como líder um homem que defendia o regime monárquico, o que certamente contribuiu para campanhas militares que aconteceram em Canudos e lamentavelmente dizimasse sua população.

Analisando esse fato histórico do ponto de vista da Geografia, podemos encontrar outros conceitos chave da nossa ciência, que permeiam o arraial de Canudos, isto sob o ponto de vista dessa adaptação para HQs e da obra original de Euclides da Cunha.

Na obra original Euclides reserva um capítulo inteiro para descrição da paisagem do arraial de Canudos, em que destaca aspectos do bioma caatinga, também muito bem retratado nas ilustrações da HQ, como representada abaixo (Figura 08).

Figura 08: A paisagem da caatinga



Fonte: CUNHA; DINIZ e AGUIAR 2008, p.48.

O clima semiárido, o tipo de vegetação, o solo, as rochas dentre outros aspectos são comuns na paisagem de canudos, e o conhecimento de tais elementos da paisagem foi primordial para que o povo de Canudos conseguisse resistir as três expedições militares. Apesar de o exército brasileiro seguir estratégias militares com base nas escolas europeias de combate e ter um potencial bélico superior, conhecer a caatinga contribuiu para resistência do povo de Canudos.

O conceito de região também pode ser explorado nessa obra, tendo como critério para sua regionalização sua “área cultural” que possibilita um recorte espacial a partir de sua *paisagem cultural*<sup>7</sup>. Conforme Nogueira (2005, p. 10222):

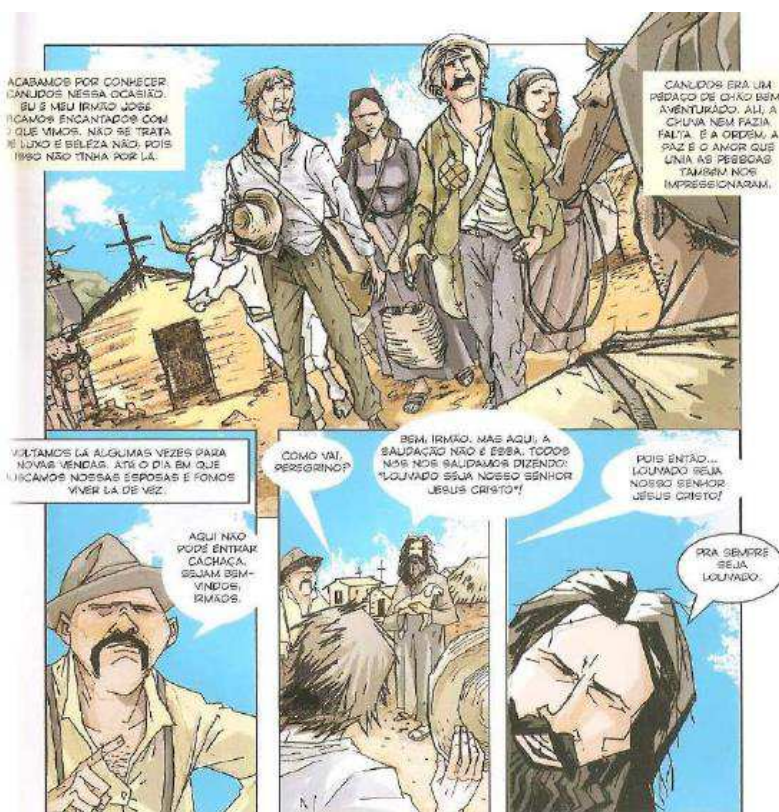
A Região de Canudos é então conformada pelos seres que acreditam nela, muito mais nele – o ideal Antônio Conselheiro; a partir desta crença surgem os ritos cotidianos, a práxis e o espaço se transforma em lugar, os trajetos em percursos e este conjunto configura a região – “área cultural” de Canudos ou Belo Monte.

<sup>7</sup> Nogueira (2005, p. 10206) define três pontos fundamentais para paisagem cultural: “a) conhecer o funcionamento da cultura em questão; b) o controle de todas as evidências contemporâneas; c) familiaridade com o terreno ocupado por esta cultura.”



A noção de região pode ser construída pelo educando também a partir do entendimento da diferenciação de áreas, sendo delimitada por apresentar um conjunto de características distintas de outras áreas.

Figura 09: A Região em Canudos

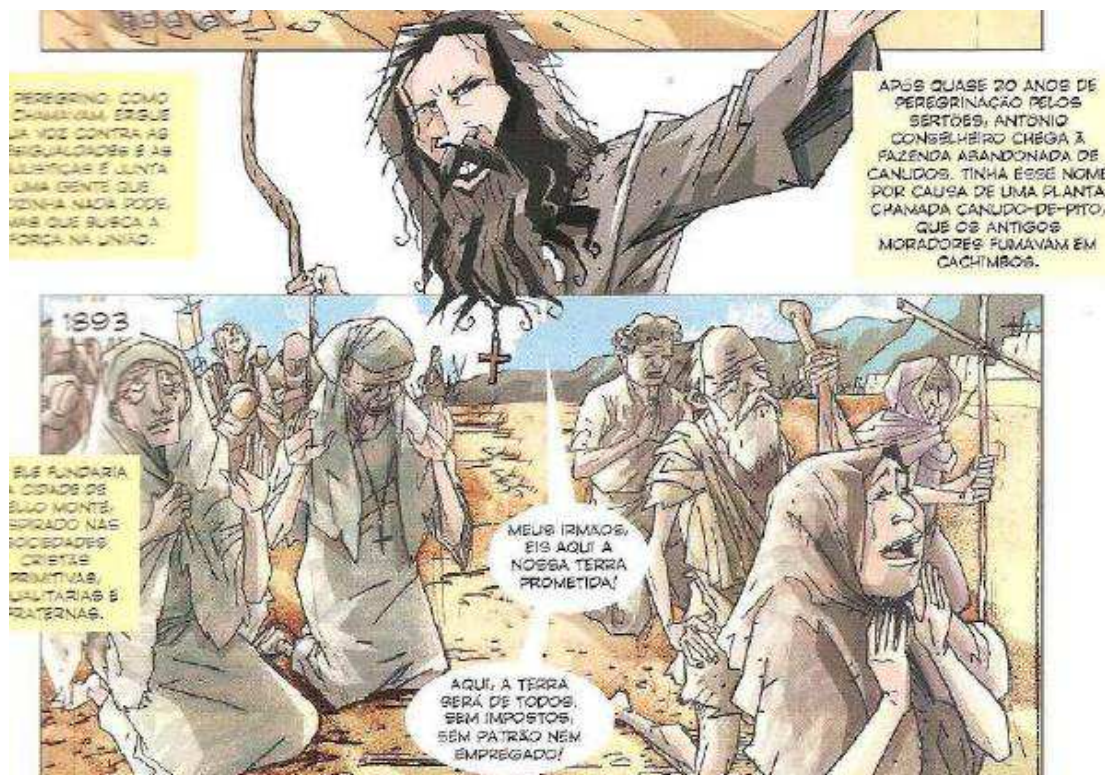


Fonte: CUNHA; DINIZ e AGUIAR 2008, p.13.

No quadro acima (Figura 09) observamos o relato de alguns viajantes que passaram pelo arraial de Canudos e identificaram-se com a figura de Antônio Conselheiro e terminam permanecendo no lugar. O conjunto entre a crença, os ritos cotidianos, a práxis e o espaço que se transforma em lugar, configura a Região de Canudos, que se diferencia das demais pelos aspectos religiosos.

O sentimento de pertencimento ao espaço vivido dos conselheiristas faz com que sintam a real necessidade de defender sua terra, em que, em certo momento sentem-se ameaçados pelas forças militares. Como podemos analisar na Figura 10:

Figura 10: O Lugar dos Conselheiristas



Fonte: CUNHA; DINIZ E AGUIAR 2008, p.09.

No quadro acima nos é apresentado Antônio Conselheiro e alguns de seus seguidores na chegada ao que viria a ser a cidade de Belo Monte, após 20 anos de peregrinação enfim estabeleceram-se em uma terra, podendo usufruir de um lugar, exercendo suas práticas religiosas. O arraial tornou-se lugar para os conselheiristas, gerando apreço por Canudos. Ao ver o seu lugar sendo ameaçado por investidas militares, foi necessário exercer poder sobre o arraial, para defender o Território ameaçado.

Antônio Conselheiro era adepto ao regime monárquico e por isso visto como uma ameaça à ordem pública no território brasileiro, recém republicano. O atrito entre esse campo de forças ocasionou o conflito, pois seu líder tornou-se “ameaça” ao poder vigente.

A realidade de Canudos ainda permeia o Brasil de hoje, pois certos grupos políticos continuam exercendo opressão territorial com determinados grupos sociais, como indígenas, por exemplo, que possuem um território e práticas culturais próprias. Lamentavelmente o arraial de Canudos foi dizimado por opor-se aos grupos dominantes da época. Contudo, precisamos evitar que outros grupos sociais também sejam dizimados por discordarem, pois vivemos numa democracia. Nesse sentido, tal obra literária contribui para uma leitura crítica socioespacial daquele contexto histórico e do atual.

### 3.3 O GUARANI

A terceira obra aqui abordada é o Guarani, outro clássico literário brasileiro, escrito por José de Alencar<sup>8</sup> e publicado em 1857, fazendo parte do movimento indianista junto a outras obras como “Iracema” e “Ubirajara”. Aqui abordaremos a adaptação para quadrinhos de Luiz Gê e Ivan Jaf, publicada em 2009. A história se passa no Rio de Janeiro do século XVII e conta a história de Ceci, filha de um fidalgo português e de Peri um indígena Goitacá.

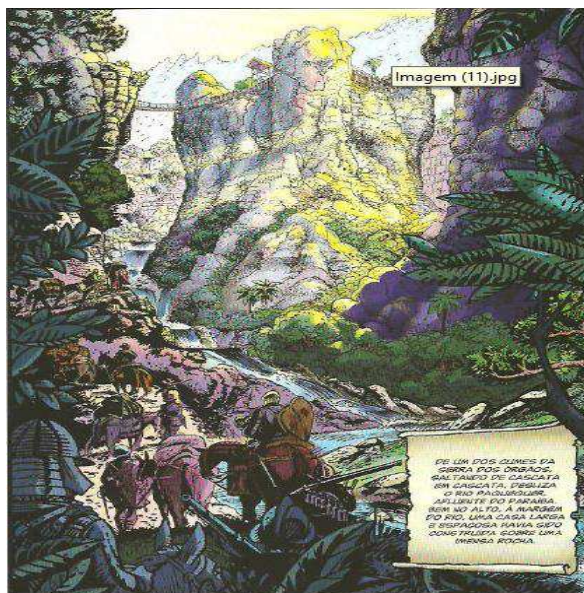
A história apresenta o espaço geográfico brasileiro do período, se comparado a hoje, ainda pouco explorado naturalmente. Além disso, aborda os principais grupos que contribuíam para o domínio de Portugal nas terras brasileiras e aqueles que resistiam à dominação. Embora trate sobre a relação entre os indígenas e os portugueses, por vezes retratada como amistosa, também reporta os conflitos existentes.

O principal conceito que podemos destacar na obra é o de paisagem, bem representado pelas ilustrações dos quadrinistas que retratam o Brasil ainda no início da exploração europeia, que possuía predominantemente uma paisagem natural, destacando que os portugueses transformavam a paisagem de maneira muito mais drástica que os indígenas, que possuíam uma relação homem natureza muito mais harmoniosa do que de caráter exploratório, na (Figura 11) podemos observar um pouco da paisagem retratada na HQ em questão.

---

<sup>8</sup> José de Alencar (José Martiniano de Alencar), advogado, jornalista, político, orador, romancista e teatrólogo, nasceu em Messejana (atual bairro de Fortaleza), CE, em 1º de maio de 1829, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 12 de dezembro de 1877. É o patrono da cadeira n. 23, por escolha de Machado de Assis (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 2023).

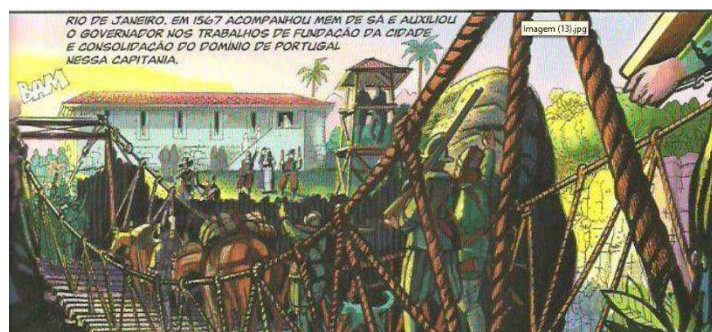
Figura 11: Um da paisagem de O Guarani



Fonte: ALENCAR; GÊ e JAF, 2009, p.11.

Na imagem são mostrados alguns portugueses em meio a mata a margem do rio Paraíba (do sul), no alto de uma rocha há uma construção dos colonizadores. A vegetação na ilustração é tida como pouco explorada, mas já possui alterações consideráveis na paisagem. Ao compararmos como o rio (Paraíba do Sul) é retratado aqui e como ele encontra-se hoje, pouco mais de 400 anos depois, a bacia do rio Paraíba possui diversas atividades econômicas industriais e agropecuárias em uma faixa com urbanização considerável, tal é o impacto da colonização da paisagem. São retratadas ações fundamentais do período colonial como na imagem abaixo (Figura 12)

Figura 12: O domínio Português

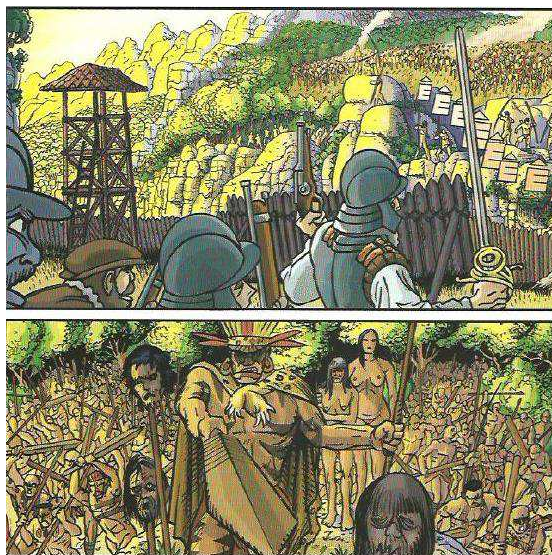


Fonte: ALENCAR; GÊ e JAF, 200, p.13.

No quadro acima, através do texto e ilustrações nele dispostas, podemos destacar primordialmente a dominação territorial do Rio de Janeiro e a consolidação dessa capitania, posteriormente tornando-se uma das mais importantes do Brasil. Também nela visualizamos o que seriam os bandeirantes, portugueses que realizavam a exploração e conquista de novos territórios. Agentes que possibilitaram as mais diversas ações para dominação e conquistas territoriais ao longo de todo o território brasileiro.

Por fim, podemos destacar os embates que ocorriam entre os indígenas e os europeus. Os motivos eram dos mais diversos contudo todos eles resultaram em grandes transformações espaciais, como é retratado no livro através da (Figura 13).

Figura 13: Embates territoriais em “O Guarani”



Fonte: ALENCAR; GÊ e JAF, 2009, p.54.

De um lado temos os portugueses e do outro os indígenas prestes a iniciar o embate. Conflitos armados reverberam muito nas dinâmicas espaciais, através da transformação das dinâmicas espaciais ocorridas. Ao longo da história do Brasil diversos episódios como esse ocorreram e reverberam espacialmente até hoje.

Diferente das HQs anteriores, o Guarani não abre tanto espaço para discussões socioespaciais mais complexas, contudo é interessante aplicarmos questões do período colonial no local de vivência do estudante e realizar discussões através da análise da paisagem ao longo desses cinco séculos. Assim como o Rio Paraíba (do Sul) que vemos retratado no quadrinho sofreu fortes mudanças durante e posteriormente ao período colonial, certamente o Rio Sanhauá em João Pessoa também sofreu diversas mudanças na paisagem devido a intervenção portuguesa, as ações dos bandeirantes no interior do

estado dão origem a cidades como Campina Grande, o que possibilita aproximarmos o debate da realidade do aluno.

Contudo, é necessário fazer uma reflexão sobre a obra do Guarani, pois identificamos uma certa dificuldade em perceber tais conceitos. A partir disso chegamos à conclusão de que esse quadrinho não seria proveitoso para a referida construção conceitual, por isso não indicamos esta obra ser utilizada na Educação Básica para este fim.

#### 4.4 VIDAS SECAS

Por fim, destacamos aqui a adaptação para quadrinhos da obra *Vidas Secas*, publicada originalmente em 1938 e escrita por Graciliano Ramos<sup>9</sup>, fazendo parte do movimento literário modernista, possuindo fortes características de um romance regionalista. Quanto à adaptação em HQ foi realizada por Eloar Guazzelli e Arnaldo Branco, publicada pela primeira vez em 2015, dando um ar mais atual a esse clássico da literatura nacional.

A história se passa no Sertão nordestino, em meados do século XX, contando a história de uma família de retirantes que migra devido às condições naturais ocasionadas pelos longos períodos de estiagem na caatinga e a ausência de políticas públicas. A obra permeia diversas discussões geográficas, alguns conceitos chave estão presentes na obra como paisagem e lugar, assim como outros conceitos secundários da Geografia, como o de Migração e Clima.

O conceito de paisagem, possui grande destaque devido às ilustrações que possuem um tom minimalista, o quadrinho é preto e branco, e os tons de branco, predominantes, passam a sensação do calor e aridez do Sertão. Em outros momentos quando há chuva os tons são mais escuros e voltados para o preto ou azulado o que ajuda na imersão da história.

Outro conceito que podemos abordar é de Lugar, uma vez que devido a necessidade de deslocamento, interfere diretamente em como os personagens nutrem afeto por determinados espaços como podemos observar na imagem abaixo (Figura 14):

---

<sup>9</sup> Graciliano Ramos de Oliveira foi um romancista, cronista, contista, jornalista, político e memorialista brasileiro do século XX, nascido em Quebrangulo, Alagoas em 1892 (SITE OFICIAL DO ESCRITOR GRACILIANO RAMOS, 2023).

Figura 14: A paisagem de Vidas Secas na HQ



Fonte: RAMOS; GUAZZELLI e BRANCO, 2015, p.13.

Alguns elementos da paisagem nordestina são evidentes nessa HQ, entre eles a vegetação típica da caatinga, o solo rochoso, a aridez e luminosidade intensa, vestimentas para se proteger do sol, chapéus, camisas e calças que cubram todo o corpo e um animal típico do bioma. O cenário apresentado no quadro acima retrata um pouco da realidade vivenciada por esses personagens que retomam algumas características de parte do Nordeste brasileiro.

O processo migratório ocorre devido as condições climáticas dos longos períodos de estiagem do semiárido. A escassez de água é uma realidade para muitos municípios do Nordeste até hoje, contudo, no início do século XX as intervenções através de políticas públicas para se adaptar a esse meio ainda estavam no início e eram quase inexistentes, então muitas famílias migravam para outras regiões em busca de água, comida e trabalho, essa jornada era árdua, a dificuldade enfrentada é explícita quando Sinhá Vitória, personagem do livro, sacrifica seu animal de estimação para que ela e os outros retirantes conseguissem se alimentar.

Os períodos de estiagem eram longos e quando havia a chuva, ocorriam de forma torrencial, isto é, em grande quantidade em um curto período de tempo, o que também ocasionava mudanças na paisagem e inconvenientes aos personagens que sofriam por não haver condições adequadas de drenagem, tendo em vista as poucas ocasiões de chuva, como ilustrado na (Figura 15).

Figura 15: A chuva apresentada em Vidas Secas



Fonte: RAMOS; GUAZZELLI e BRANCO, 2015, p.51.

No quadro, os personagens se encontram acuados por conta da chuva tão desejada, pois naquele momento levava perigo aos mesmos. A paisagem da fazenda que Fabiano trabalhava e morava com sua família encontrava-se alterada pela chuva.

As ilustrações neste quadro têm um tom mais escuro, remetendo a uma alteração no tempo (meteorológico). A representação das rochas em meio a água leva a crer que o nível da água é considerável. Além disso, a fala de Sinhá Vitória dá a certeza de que estão em uma parte mais baixa do terreno e em certo momento há a possibilidade de deslocamento para uma parte mais elevada afim de se proteger da inundação.

Apesar de o conceito de paisagem ser muito bem retratado, o que predomina na história em geral é o conceito de lugar, representado pelo sentimento de insatisfação de Fabiano em trabalhar em uma terra que não era sua. Como ilustrado na Figura 16.



Figura 16: o lugar de Fabiano

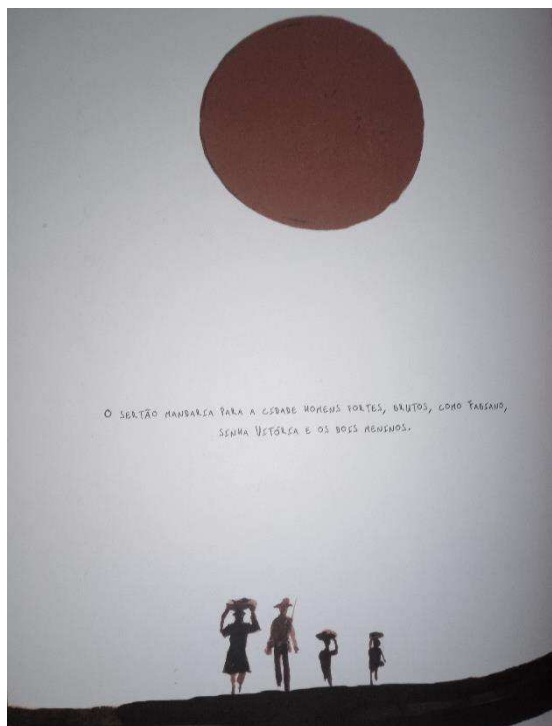


Fonte: RAMOS; GUAZZELLI e BRANCO, 2015, p.22.

Fabiano, sentia que aquele não era o seu lugar e estava apenas de passagem, conforme o personagem afirma, sua sina era “correr o mundo”. Contudo, precisava vender sua força de trabalho para que pudesse sobreviver, assim como os demais, por mais que fosse explorado pelo seu patrão.

As condições naturais impostas a esses personagens como a seca, as inundações, a exploração e opressão ao trabalhador, minaram as condições de permanência desses personagens e resultaram em uma nova migração, reiniciando o ciclo migratório, o que é peculiar na obra de Graciliano, já que os personagens iniciam a história migrando e a finalizam migrando e esse ciclos são muito bem representados no trecho abaixo (Figura 17).

Figura 17: O ciclo da migração



Fonte: RAMOS; GUAZZELLI e BRANCO, p.98.

Reiterando Cavalcanti (1998, p.89) “lugar é o espaço que se torna familiar ao indivíduo”. No caso de Fabiano e dos demais personagens há uma busca por esse espaço familiar, contudo as dificuldades impostas impossibilitam maiores vínculos com o espaço. A busca por esse lugar e por melhores condições de vida levam a migração.

A HQ pode contribuir para ampliação de debates, sobretudo, para alunos nordestinos, porque existe a possibilidade de possuir familiares que já necessitaram realizar algum tipo de fluxo migratório, que é comumente feito do Nordeste para o Sudeste ou outras regiões do país, em busca de melhores condições de vida. Hoje os períodos de estiagem prejudicam sim a qualidade de vida de diversas pessoas, contudo, em uma proporção bem menor, devido a inserção de políticas públicas que permitem conviver com a “seca”, apesar de que ainda temos muito a evoluir. A HQ em questão, permite aproximar o debate geográfico do cotidiano dos estudantes, permitindo ver em prática elementos dos conceitos de paisagem e lugar assim como o de clima e migração.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, tivemos a oportunidade de verificar as potencialidades do uso de histórias em quadrinhos da literatura brasileira para construção conceitual geográfica. Para tanto, a compreensão do processo de formação de conceitos foi primordial.

De maneira geral, tal apropriação conceitual ocorre de forma complexa, envolvendo uma série de dinamismos intrapsíquicos do estudante, que acontecem ao longo da sua vida, na interação com os outros.

A escola nesse sentido deve contribuir para a ampliação dos avanços cognitivos através do trabalho pedagógico, principalmente através do trabalho coletivo, aproximando o aluno da sua realidade cotidiana, favorecendo a formação dos conceitos científicos.

Assim sendo, o uso das HQs pode contribuir como instrumento facilitador da construção do conhecimento espacial. Contudo, o uso por si só desse tipo de material, de maneira alguma garante o processo de aprendizagem do estudante. O papel do professor enquanto mediador é fundamental, estimulando um ambiente propício para que a aprendizagem aconteça. As HQs são um formato literário mais atrativo pela linguagem simplificada e atrativa, cabendo ao professor se utilizar desse recurso usando obras que aproximem o aluno do debate da Geografia e de temas próximos ao seu cotidiano como visto ao longo do texto.

As obras permitem trazer para sala de aula temas atuais e pertinentes à realidade dos alunos como, por exemplo na obra do Cortiço, apresentando a segregação socioespacial. Em os Sertões a opressão territorial. Em o Guarani a imposição colonizadora no Brasil. Em Vidas Secas os fluxos migratórios e as paisagens do semiárido.

Contudo, não podemos utilizar tais recursos como único material didático para tal construção conceitual. Ora, se identificamos certa dificuldade em localizar como os conceitos estão inseridos nessa obra, quiçá os alunos no Ensino Básico.

A insistência do uso de determinados recursos, por mais que se apresentem como facilitadores em certo momento podem dificultar a aprendizagem. Além do mais, a diversificação de práticas amplia as possibilidades de aprendizagem, então aliado ao uso de HQs podemos utilizar: músicas e/ou trabalhos de campo com os estudantes, jogos, além de outros instrumentos pedagógicos. Além disso, a mediação pedagógica docente é fundamental para que esta construção do conhecimento aconteça.

## REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Aluísio Azevedo**: Biografia. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/aluisio-azevedo/biografia>. Acesso em: 13/02/2023.

\_\_\_\_\_. **Euclides da Cunha**: Biografia. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/euclides-da-cunha/biografia>. Acesso em: 13/02/2023.

\_\_\_\_\_. **José de Alencar**: Biografia. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/jose-de-alencar>. Acesso em: 13/02/2023.

\_\_\_\_\_. **Rachel de Queiroz**: Biografia. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/rachel-de-queiroz/biografia>. Acesso em: 13/02/2023.

ALENCAR, José de; JAF, Ivan; Gê, Luiz. **O Guarani**. Rio de Janeiro-Rj: Ática, 2009. 96 p.

ALENCAR, Josivane José de; SILVA, Josélia Saraiva e. Recursos didáticos não convencionais e seu papel na organização do ensino de geografia escolar. **Geosaberes**: Revista de Estudos Geoeducacionais, [S.L.], v. 9, n. 18, p. 1-12, fev. 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5528/552857186009/html/>. Acesso em: 04 dez. 2022.

AZEVEDO, Aluísio; ROSA, Franco de; ROSADO, Marcus (org.). **O Cortiço**: em quadrinhos. Jandira, Sp: Ciranda Cultural, 2019. 42 p.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A Geografia Escolar e a Cidade**: ensaios sobre o ensino de geografia para vida urbana e cotidiana. Campinas, SP: Papirus, 2008. 190 p.

\_\_\_\_\_. Cotidiano, Mediação Pedagógica e Formação de Conceitos: uma contribuição de vygotsky ao ensino de geografia. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 25, p. 185-207, ago. 2005.

\_\_\_\_\_. **Geografia, Escola e a Construção de Conhecimentos**: fundamentos teórico e metodológico da geografia. 15. ed. Campinas, Sp: Papirus, 1998. 192 p.

CRIANDO HQ. **Recordatórios nos quadrinhos**. 2011. Postado por Rogério Faria. Disponível em: <http://criandohqs.blogspot.com/2011/12/recordatorios-nos-quadrinhos.html#:~:text=Recordat%C3%B3rios%20s%C3%A3o%20as%20caixas%20de,leitor%20j%C3%A1%20estava%20vendo%20desenhado..> Acesso em: 12 dez. 2022.

CUNHA, Euclides; DINIZ, André; AGUIAR, José. **A Revolta de Canudos**. São Paulo-Sp: Escala Educacional Editora, 2008, 48 p.

FIOCRUZ. **A Revolta da Vacina**. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/revolta-da-vacina-0>. Acesso em: 12 dez. 2022.

FREITAS, Rafael Alves de; ARAÚJO, José Silvan Borborema. Interdisciplinaridade no Ensino de Geografia: discutindo o conceito de lugar por meio do romance “O Cortiço”. **Communitas**, [S. L.], v. 4, n. 7, p. 249-270, jun. 2020

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**, São Paulo-Sp, Atlas, 2008.

HAESBAERT, Rógerio. **Viver no limite: território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

LIRA, Sonia Maria. **O ensino de Geografia, a construção do conhecimento geográfico e a operacionalização da prática docente**. In: Paulo Sérgio Cunha Farias; Marlene Macário de Oliveira. (Org.). *A formação docente em Geografia: teorias e práticas*. 1ªed.: EDUFCEG, 2014, v. , p. 299-319.

NOGUEIRA, Sandra Maria Antunes. A Região de Canudos: análise espacial da área de influência e difusão de uma inovação ∴ o indivíduo Antônio Conselheiro. **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina**, São Paulo, p. 10202-10227, 26 mar. 2005.

RAMOS, Graciliano; BRANCO, Arnaldo; GUAZZELLI, Eloar. **Vidas Secas**. Rio de Janeiro- RJ: Galera Record, 2015, 104 p.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado, fundamentos Teórico e metodológico da geografia**. Hucitec. São Paulo 1988.

SIQUEIRA, Vinícius Delfino. **HQ no livro didático de Geografia: entre a linguagem e a aprendizagem**. 2017. 52 f. TCC (Graduação) - Curso de Geografia, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande-PB, 2017.

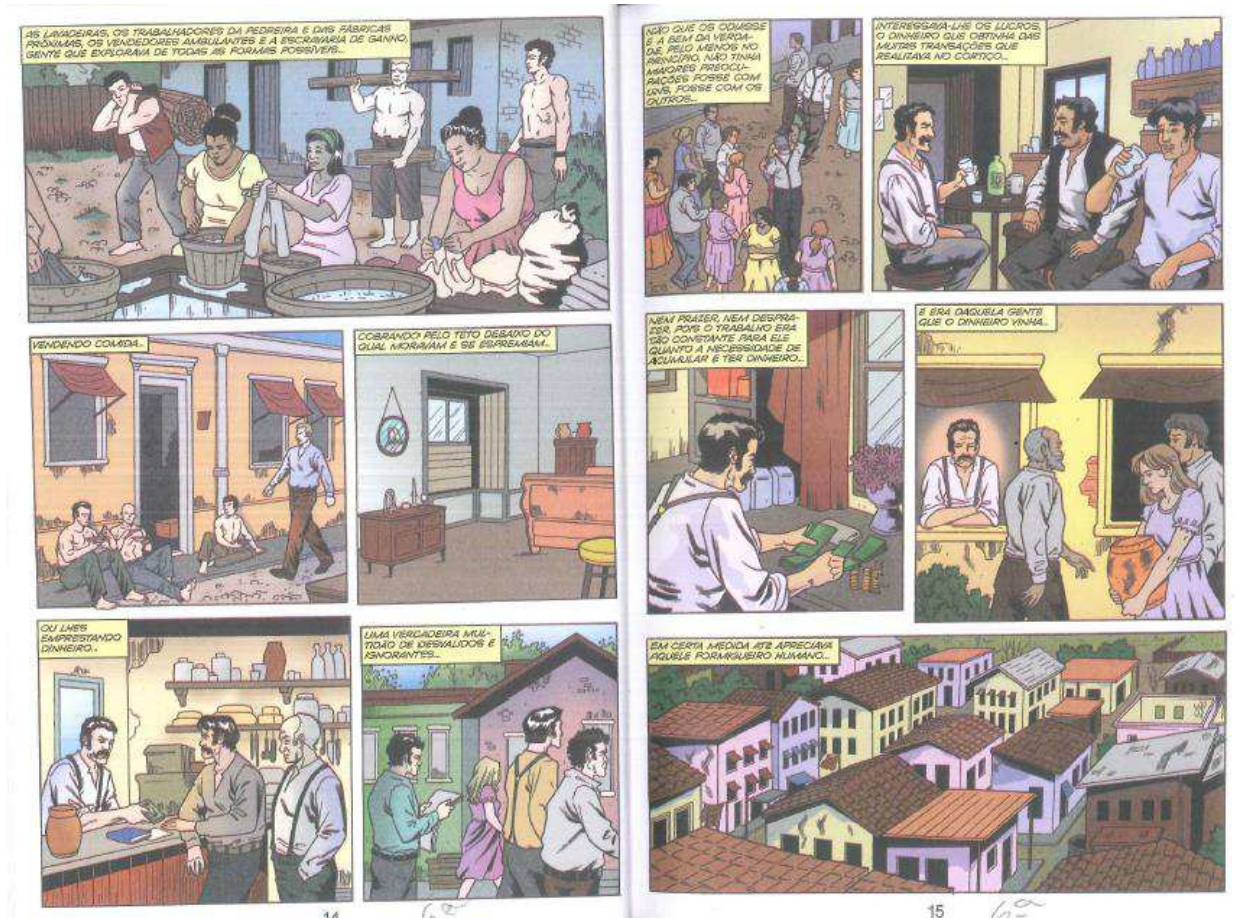
SITE OFICIAL DO ESCRITOR GRACILIANO RAMOS: **Biografia**. Disponível em: <https://graciliano.com.br/vida/biografia/>. Acesso em: 13/02/2023.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

# ANEXOS

## Anexo A



## Anexo B



## Anexo C

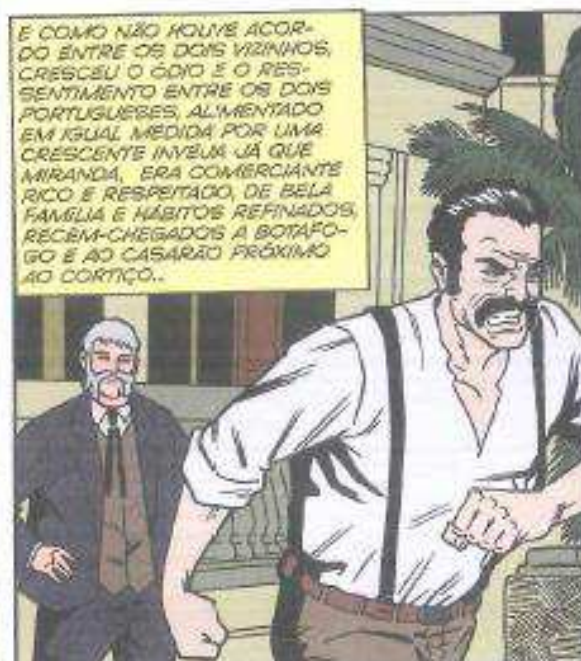
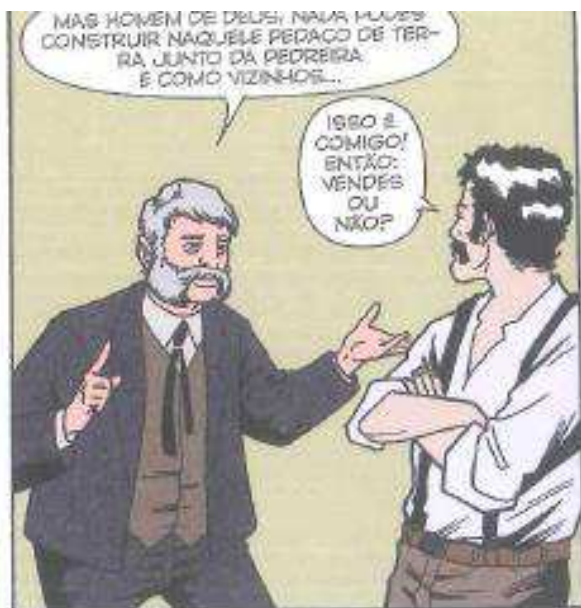




## Anexo D



## Anexo E



## Anexo F

AQUILO FOI SÓ UMA PRÉVIA DA GUERRA QUE SE INICIARIA MAIS TARDE. FOI MANDADA ENTÃO UMA NOVA EXPEDIÇÃO DE SOLDADOS CONTRA CANUDOS, COMANDADA PELO MAJOR FEBRÔNIO DE BRITO.



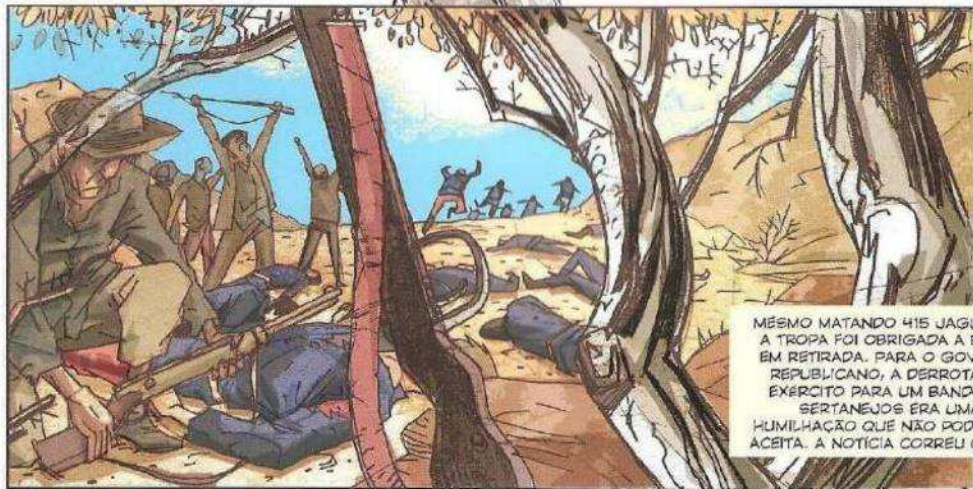
DESSA VEZ, FORAM MAIS DE 500 HOMENS.

JANEIRO DE 189

NÓS ATRAIAMOS OS SOLDADOS PARA A CAATINGA. LÁ ERA NOSSO TERRITÓRIO, NÃO O DELES. SOLDADO NÃO FOI TREINADO A LUTAR NA CAATINGA.

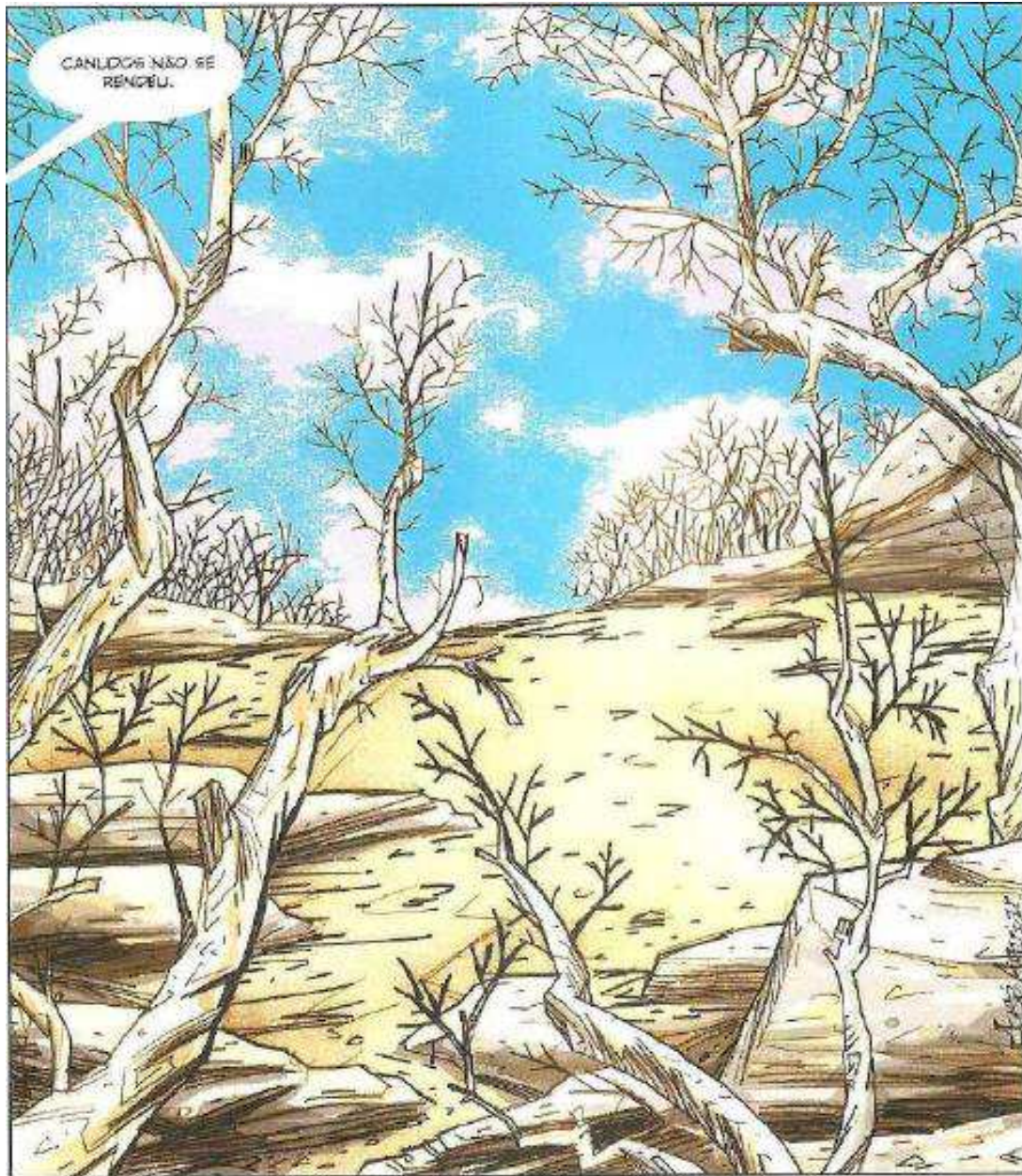


PEGÁVAMOS AS ARMAS E AS MUNIÇÕES DOS SOLDADOS MORTOS. ASSIM, O NOSSO ARSENAL CRESCIU BASTANTE, MAS NÃO PEGÁVAMOS MAIS NADA DELES, NÃO SINHO. DEIXÁVAMOS DE LADO O DINHEIRO DOS MORTOS. NÃO ESTÁVAMOS ALI PARA ISSO.



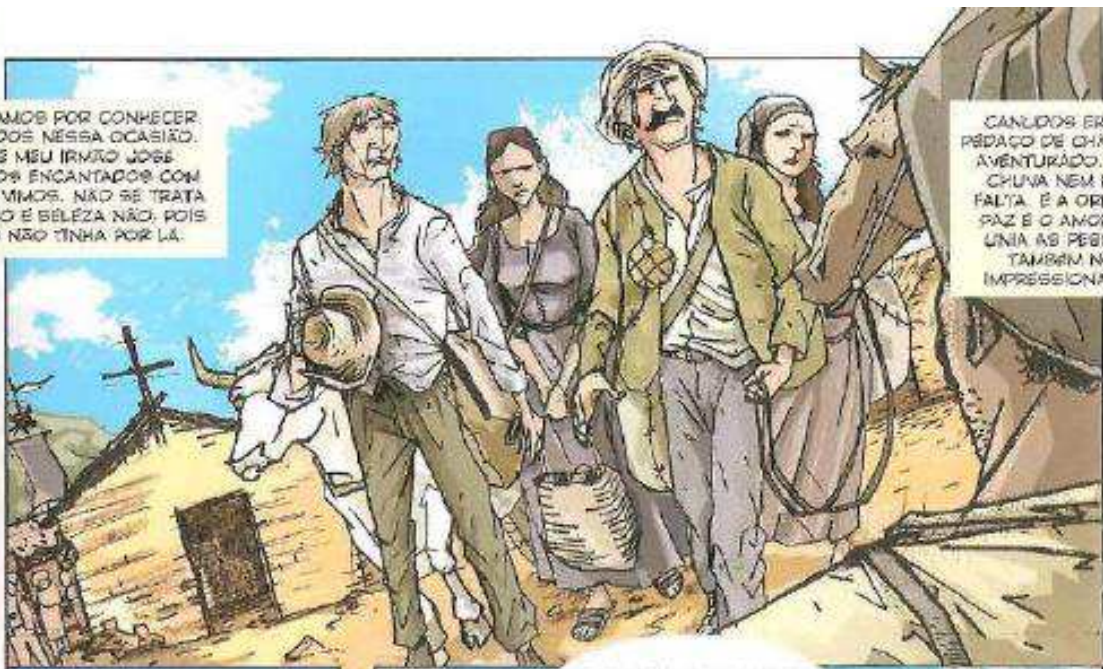
MESMO MATANDO 415 JAGUNÇOS A TROPA FOI OBRIGADA A BATER EM RETIRADA. PARA O GOVERNO REPUBLICANO, A DERROTA DO EXÉRCITO PARA UM BANDO DE BERTANEJOS ERA UMA HUMILHAÇÃO QUE NÃO PODIA SER ACEITA. A NOTÍCIA CORREU O PAÍS.

Anexo G



## Anexo H

ACABAMOS POR CONHECER  
CANUDOS NESTA OCASIÃO.  
EU E MEU IRMÃO JOSÉ  
FICAMOS ENCANTADOS COM  
O QUE VIMOS. NÃO SE TRATA  
DE LUXO E BELEZA NÃO, POIS  
1890 NÃO TINHA POR LÁ.



CANUDOS ERA UM  
PEDAÇO DE CHÃO BEM-  
AVENTURADO. ALI, A  
CHUVA NEM FAZIA  
FALTA. E A ORDEM, A  
PAZ E O AMOR QUE  
UNIA AS PESSOAS  
TAMBÉM NOS  
IMPRESSIONARAM.

VOLTAMOS LÁ ALGUMAS VEZES PARA  
NOVAS VENDAS. ATÉ O DIA EM QUE  
BUSCAMOS NOSSAS ESPOSAS E FOMOS  
VIVER LÁ DE VEZ.

COMO VAI,  
PEREGRINO?

BEM, IRMÃO. MAS AQUI, A  
SAUDAÇÃO NÃO É ESSA. TODOS  
NÓS NOS SAUDAMOS DIZENDO:  
"LOUVADO SEJA NOSSO SENHOR  
JESUS CRISTO!"

POIS ENTÃO...  
LOUVADO SEJA  
NOSSO SENHOR  
JESUS CRISTO!

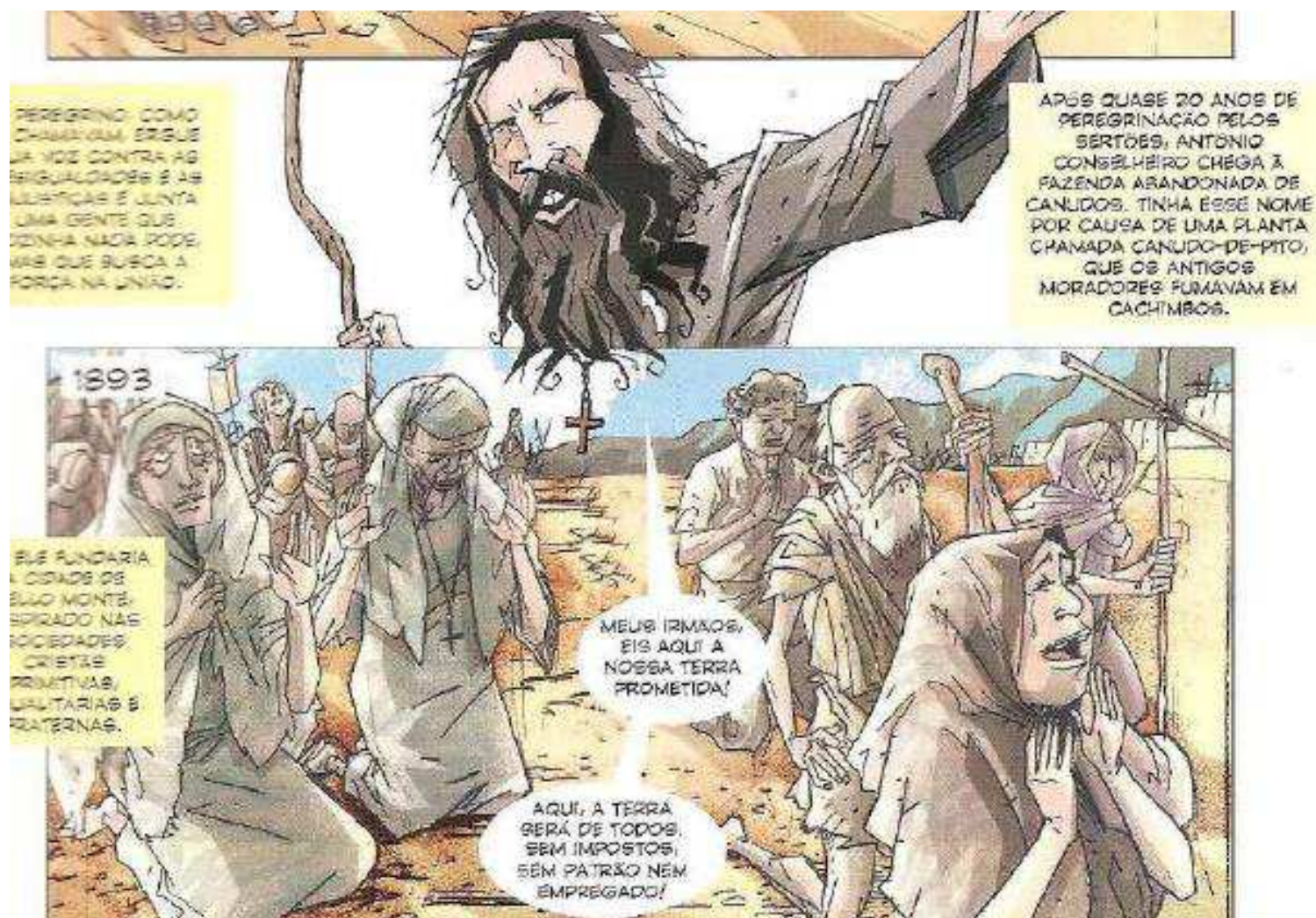


AQUI NÃO  
PODE ENTRAR  
CACHAÇA.  
SEJAM BEM-  
VINDOS,  
IRMÃOS.

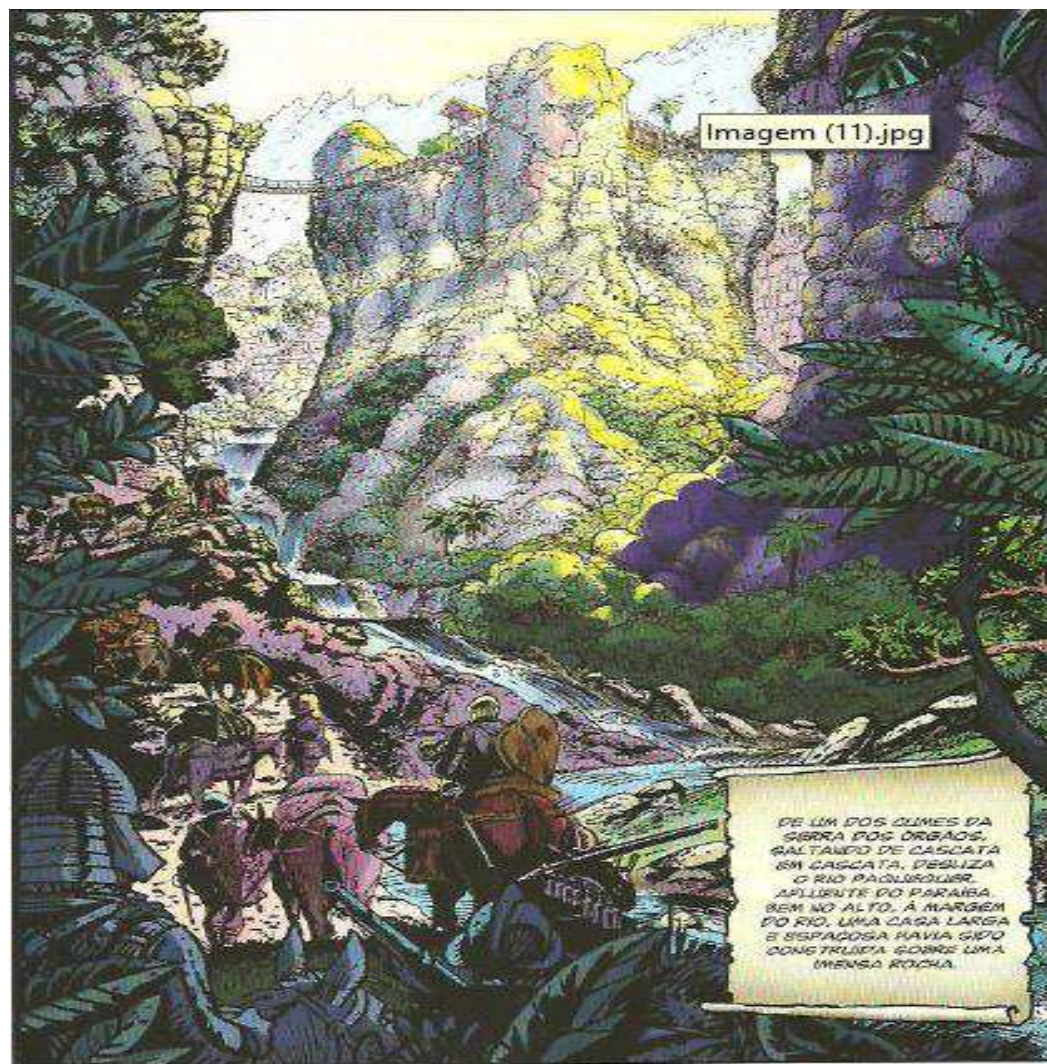


PRA SEMPRE  
SEJA  
LOUVADO.

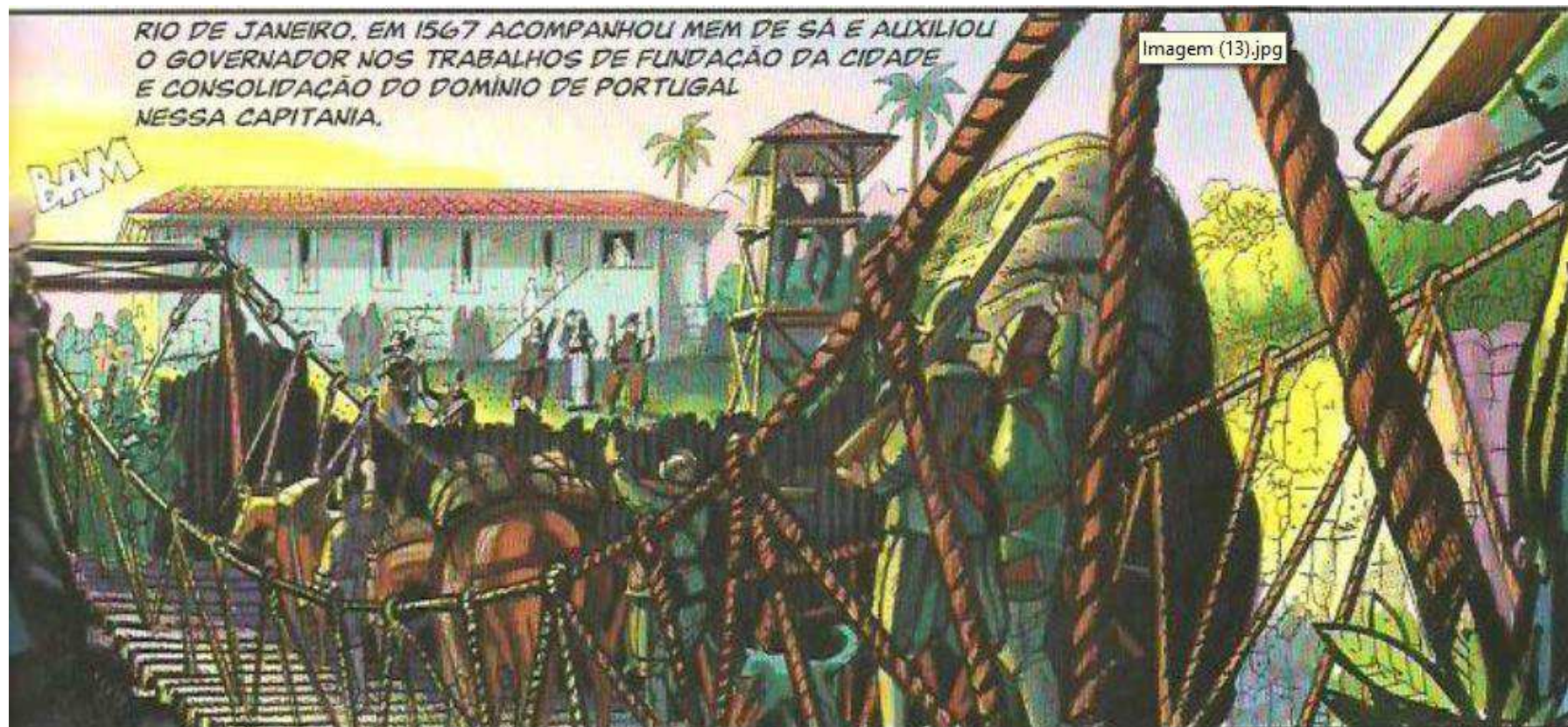
## Anexo I



## Anexo J

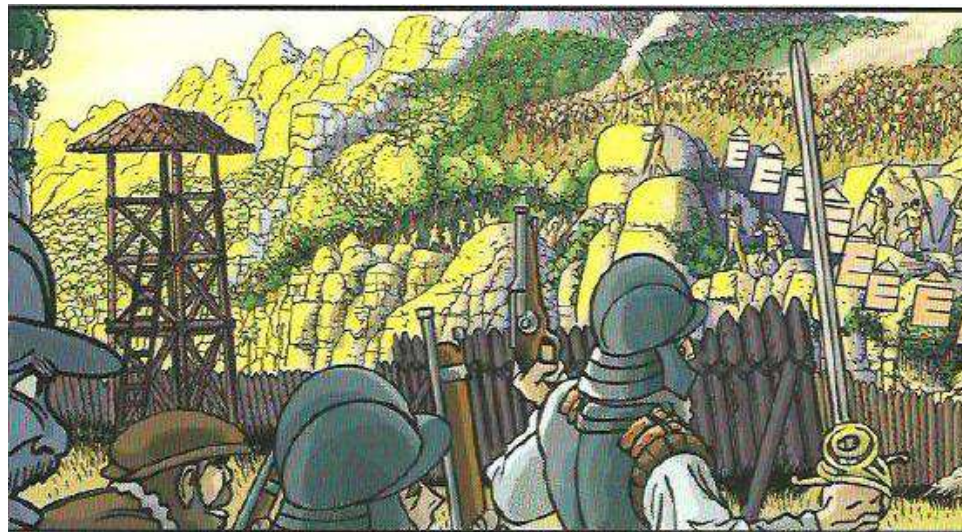


## Anexo K





## Anexo L



## Anexo M



## Anexo N



## Anexo O



## Anexo P

